

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Programa de Pós-graduação em Educação

Rosvita Kolb Bernardes

**CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, FOTÓGRAFA: RESSONÂNCIAS DA
PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA OBRA ARTÍSTICA**

Belo Horizonte

2024

Rosvita Kolb Bernardes

**CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, FOTÓGRAFA: RESSONÂNCIAS DA
PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA OBRA ARTÍSTICA**

Relatório final do estágio de pós-doutorado, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, sob a supervisão da prof.^a Dr^a Luciana Esmeralda Ostetto, no período de julho/2023 – dezembro/2024.

Belo Horizonte

2024

SUMÁRIO

I	Sobre inícios e caminhos traçados	4
II	Caminhos que desenham encontros: como descobri a artista Christine Delory-Momberger	7
III	A obra da artista e o seu processo de criação	18
IV.	No espelho, ressonâncias e sentidos para pensar o ateliê auto/heterobiográfico	26
V.	Produções relacionadas/decorrentes do projeto de pós-doutorado	35
VI.	No fechamento de um ciclo: (Des) ver o mundo, não aceitar o achatamento e a obediência que repousa nas coisas	44
	REFERÊNCIAS	47

I

Sobre inícios e caminhos traçados

A pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense/ UFF está intimamente conectada com minha trajetória como professora do Curso de Graduação em Artes, modalidade Licenciatura, da Pós-graduação em Artes, na linha Ensino-aprendizagem em Arte, desde 2020, e da Pós-graduação Mestrado Profissional, desde 2018, ambos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG.

Ao longo do meu trabalho acadêmico, articulando ensino, pesquisa e extensão, ocupando-me sobretudo com o campo da formação de professores de Arte, fui percebendo a importância de criar espaços que permitissem àqueles em formação, refletir sobre suas trajetórias de vida e, no processo, fazerem o exercício de elaboração de suas narrativas de formação estética e artística. Assim, na docência, intui a necessidade de alargar o tempo e configurar o lugar da sala de aula como espaço de ateliê, de tal maneira que o mergulho na memória pudesse ser impulsionado e, dele, histórias de vida pudessem emergir, visibilizando itinerários de formação em narrativas tecidas, criadas.

A questão da potência da narrativa nos processos formativos de licenciandos e de professores de arte, surge ainda no meu tempo de doutoramento, no final dos anos 2000, quando, ao percorrer o campo das abordagens (auto)biográficas, a percepção e a intuição sobre o ateliê como lugar também do autobiográfico, da pesquisa e da formação, se aprofundaram. Desse ponto, pesquisando e desenvolvendo propostas de formação docente amparadas por referenciais teórico-metodológicos que (re)colocam o sujeito e suas narrativas de vida no centro do processo, a proposta de um Ateliê de Arte Autobiográfico tem me mobilizado há algum tempo: seja em aulas, seja em projetos de pesquisa ou extensão, venho incluindo exercícios de reflexividade biográfica, como exercícios de memória voltados a narrativas de percursos estéticos e artísticos, envolvendo diferentes linguagens e possibilidades de dizer. Nesta caminhada, tenho dialogado especialmente com a artista-autora franco-alemã Christine Delory-Momberger (2006), quando diz que é por meio da reflexividade biográfica que os processos de

“biografização” são ativados, inaugurando uma dinâmica por meio da qual o projeto de si se esboça em direção ao futuro. É o projeto de si que se configura como um potente arsenal no processo de investigação da vida vivida. Criada.

A perspectiva formulada por ela, de ateliê biográfico de projeto (Delory-Momberger, 2001), é uma referência fundante do percurso, que foi ampliada desde o meu lugar de enunciação e prática: aproximando-o do campo da arte, no ateliê biográfico como dispositivo teórico-metodológico, passamos a incluir exercícios de criação, invenção, imaginação e experimentação de múltiplas linguagens e materialidades. O trabalho desenvolvido na Universidade de Rostock, Alemanha (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015), que se desdobrou em um projeto de pesquisa interinstitucional UFMG-UFF (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2019), dá mostras do percurso que venho trilhando. E foi justamente esta interlocução Escola de Belas Artes/UFMG-Faculdade de Educação/UFF que me impulsionou a propor a pesquisa de pós-doutorado, na qual busquei desvelar processos de criação e experimentação artística como matéria de investigação e proposição para a arte, como possibilidade de compreensão e de constituição do ser artista, docente e pesquisadora – minha e de outras mulheres artistas.

Assim, junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, sob a supervisão da Profa. Dra. Luciana Esmeralda Ostetto, no período de julho de 2023 até dezembro de 2024, desenvolvi a temática que articula questões sobre ateliê autobiográfico, arte e formação de artistas-docentes, cuja fundamentação teórica está situada no campo da pesquisa (auto)biográfica, nas narrativas de si em contextos de formação e na produção estético-artística.

Inicialmente propus como objeto de pesquisa ancorar o meu olhar sobre o processo autobiográfico de criação de quatro mulheres, artistas, docentes localizadas em diferentes territórios, nomeadamente Brasil, Alemanha, França e Colômbia. Um projeto ambicioso, sobretudo se considerarmos a falta de financiamento, mas também a dimensão espaço-temporal apontada na estruturação da proposta. Sim, para abarcar experiências de mulheres artistas, docentes na demarcação territorial inicialmente traçada, precisaria de mais tempo. Tomei pé das condições reais e assumi que o projeto elaborado extrapola o tempo-limite de um estágio pós-doutoral; todavia, dele se espraia para a continuidade em outros tempos acadêmicos.

Assim o projeto de pós-doutorado foi redimensionado e seu foco redefinido: tomaria em interlocução apenas uma dessas mulheres inicialmente mapeadas. Neste quadro, segui ao

encontro da pesquisadora, professora, fotógrafa Cristine Delory-Momberger, que da França vem contribuindo imensamente para o campo da pesquisa narrativa e (auto)biográfica. Com uma extensa produção, tornou-se uma referência fundamental no âmbito dos estudos (auto)biográficos. Entretanto, seu pensamento visual, evidenciado em sua obra como artista fotógrafa, é praticamente desconhecido no Brasil. Então, ajustado o foco da investigação, neste relatório apresento minha produção no período do estágio pós-doutoral, decorrente do projeto (re)desenhado e efetivado.

Imagem 1: Christine e eu – Fig. I



Fonte: acervo da autora

II

Caminhos que desenham encontros: como descobri a artista Christine Delory-Momberger

Venho há tempos ensaiando olhar, rememorar, iluminar minha própria história para fazer dela meu objeto de pesquisa e investigação. Venho construindo um caminho ziguezagueante, que pisca no escuro, lumiando ora aqui, ora acolá.

E assim, entro no movimento de rememorar, de puxar a linha do novelo multicolor de minha própria história de vida. Não sei se percorro fins ou começos, porque sei que, ao lembrar, tenho esquecimentos; já não sei se a linearidade que dá forma à memória-escrita, é só uma saudade preenchida de data. Sigo segurando a ponta da linha, que agora se mostra vermelha, sem receio de embolar, cair ou soltar. Sigo o caminho de esquecer para acender a chama de lembrar.

Conheci Christine Delory-Momberger em 2008, durante o III Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (CIPA), realizado em Natal/RN, que teve como tema de discussão “(Auto)biografia: formação, territórios e saberes”. A sua presença me provocou profundamente. Sua fala, e seu jeito de olhar, me capturaram! Fiquei comovida ao ouvir a sua história, sua experiência como pesquisadora, que caminha entre dois países: França e Alemanha. Não lembro exatamente qual foi a sua fala, mas tenho a vaga lembrança de que girava em torno dos modelos biográficos, da escrita de si, passando pelo iluminismo alemão, pelo *Bildungsroman*. *Eine gelebte Bildungsidee*. Além do conteúdo que ela nos apresentava e eu escutava atentamente, fiquei fascinada com o modo de narrar daquela mulher: ao falar dos deslocamentos que viveu, uma história de imigração entre Itália, França e Alemanha, de alguma forma senti ressoar elementos da minha própria história, cujos laços entre Alemanha e Brasil são muito fortes. Determinantes.

Em 1930 meus avós migraram da Alemanha para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Como neta, integro a terceira geração da família Kolb no Brasil. Da bagagem que trouxeram, no grande navio que os transportou, ainda estão comigo três baús. Dentro deles, (quase) esquecidos estão memórias, que guardam segredos, que carregaram consigo histórias. Segredos

de uma vida após a primeira guerra, da qual pouco se falava em casa, de saudades não contadas da família alemã, que ficou do outro lado do atlântico, com a qual os meus avós pouco conviveram, depois de chegarem aqui no Brasil.

Eu sou entre Brasil e Alemanha. Na brasilidade de meu sangue, tenho os inícios vindos de outros oceanos. Carrego comigo, da infância na família Kolb, a marca de não saber falar português até os 8 anos de idade e de ser alfabetizada em alemão. Marcas de um tempo difícil, de chegar na escola do Ensino Fundamental e não entender nem o que a professora falava e muito menos os meus colegas de classe; de falar com sotaque, trocar as vogais. Caminhando um tempo aqui e um tempo acolá, entre lugares, entre pausas e silêncios, também vivi o tempo de ouvir, escutar e olhar, buscando saber de onde eu vim, quem eu era, quem eu sou. Já adulta, eu morei na Alemanha, onde tive o choque de não conseguir falar o alemão, que foi a minha primeira língua. Foi um choque de culturas. A Alemanha que eu conhecia pela narrativa dos meus avós imigrados, não existia. Existia uma outra Alemanha. Uma Alemanha distante dos livros de história que líamos na infância e que compunham o nosso acervo imaginário infantil, distante da língua que eu havia aprendido em casa.

Atualmente mantenho laços afetivos com a Alemanha, por meio do meu trabalho de docência-artista-pesquisadora, em projetos de parceria internacional, mantidos entre a Universidade de Rostock e a Universidade Federal de Minas Gerais. Uma parceria que me permitiu ampliar não apenas os laços entre pesquisa e docência no campo das artes visuais entre Brasil e Alemanha, mas ampliar a compreensão das histórias da neta de alemães imigrados, no reencontro com a cultura alemã, viva e em transformação, que desenha os muitos modos de me apropriar da história que me constitui, alargando significados.

Não posso atestar se foram esses traços da minha biografia, os lastros de sentido, guardados na memória, que a fala de Delory-Momberger provocou em mim. Mas sei que, após a sua apresentação, fui cumprimentá-la, dizendo-lhe o quanto foi significativo ouvi-la! Na sua exposição, ela falava em francês, todavia, quando fui cumprimentá-la, falei em alemão, idioma que permitiu ampliar a interlocução com ela.

Daquele primeiro encontro, outras conversas surgiram, inicialmente à distância, apenas na interação com seus trabalhos publicados no Brasil. Foi em 2014, no VI CIPA, realizado no Rio de Janeiro, que teve como tema de discussão “Entre o público e o privado: Modos de ver,

narrar e guardar”, que conheci a face fotógrafa de Christine Delory-Momberger. Dentre as atividades do evento, que contava com apresentações de trabalhos, simpósios e conferências, aconteceu a exposição “O olhar: retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas”, uma homenagem do VI CIPA a Franco Ferrarotti, que contou com a curadoria de Christine Delory-Momberger, que escreveu, para o catálogo publicado, o texto “Franco Ferrarotti, *flâneur* planetário”. Composta por vinte e seis fotografias que o sociólogo fez, percorrendo bairros pobres, nos limites de Roma, durante suas pesquisas, a exposição revela outra face do pesquisador acadêmico que, por meio da fotografia, à qual imprime um olhar singular, contextualizado, próximo e empático, que não apenas observa, mas olha e sente. Assim escreveu a curadora da exposição:

Ele olha, ele vê, ele sente. [...] Ele entra na tessitura das relações e das ligações sociais que constitui o lugar, onde nas pessoas pensam e agem. [...] Em nenhum momento ele fotografa a pobreza, ele faz imagens de pessoas que estão ocupadas com suas vidas, crianças que brinca, cachorros que vêm e vão, barracos que são um lar. [...] Pode-se dizer que cada imagem tem o “momento totalizante” de uma história social. Um gesto, um olhar, um corpo. A humanidade em ato. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.8).

Enquanto ela nos fala sobre o trabalho fotográfico de Ferrarotti, como um deslocamento das práticas de investigação sociológicas, até então muito presas à enquetes e ferramentas validadas pelo campo acadêmico, que fala sobre e não está com os sujeitos pesquisados, Delory-Momberger também fala de sua compreensão sobre a imagem, na pesquisa e, fazendo referência à Judith Butler, diz que “a fotografia deve ter uma função transitiva que nos torna capazes da sensibilidade ética” (Butler apud Delory-Momberger, 2014, p.9). Se a fotografia fixa um momento e diz de um olhar que a capturou, ao ser exposta, a imagem abre-se a múltiplos olhares, que vão compor múltiplos sentidos, a partir do lugar que está situado. A fotografia também pode deslocar aquele que a contempla, pode suscitar reminiscências, revelar vidas vividas, que podem ser lembradas e ressignificadas.

Visitando a exposição e percorrendo o catálogo, fiquei muito interessada em conhecer mais da pesquisadora e acadêmica, na interface que também mantinha com o campo da arte, que falava diretamente com meu lugar de atuação na universidade e com meu próprio percurso

de formação, pelas veredas da arte. Por essas vias, nos aproximamos mais, aprofundando o diálogo entre saberes e fazeres na interface pesquisa (auto)biográfica e arte.

A partir de então, em 2018, no VIII CIPA, realizado na cidade de São Paulo, com a temática “Pesquisas (auto)biográfica, modalidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações indenitárias”, à convite da artista-pesquisadora, tive o prazer de montar a sua primeira exposição no Brasil, com a segunda série da trilogia Exílios/ Reminiscências, no Sopro do Labirinto.

Imagens 2: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. II



Fonte: acervo de Delory-Momberger, 2014

Imagem 3: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. III



Imagens 4: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. IV



Fonte: acervo de Delory-Momberger, 2014

Imagens 5: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. V

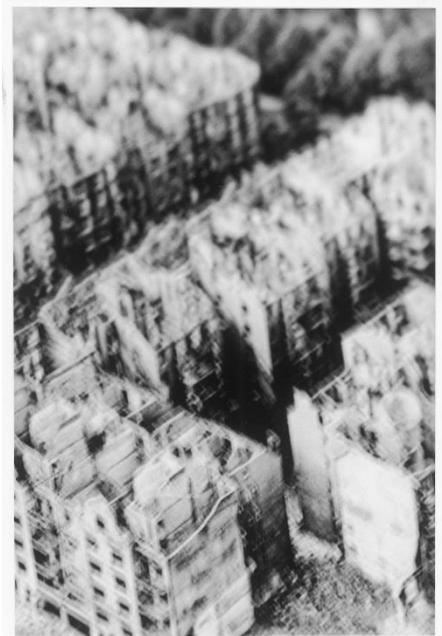


Imagem 6: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. VI



Fonte: acervo de Delory-Momberger, 2014

Imagens 7: Trilogia Exílios/ Reminiscências – Fig. VII



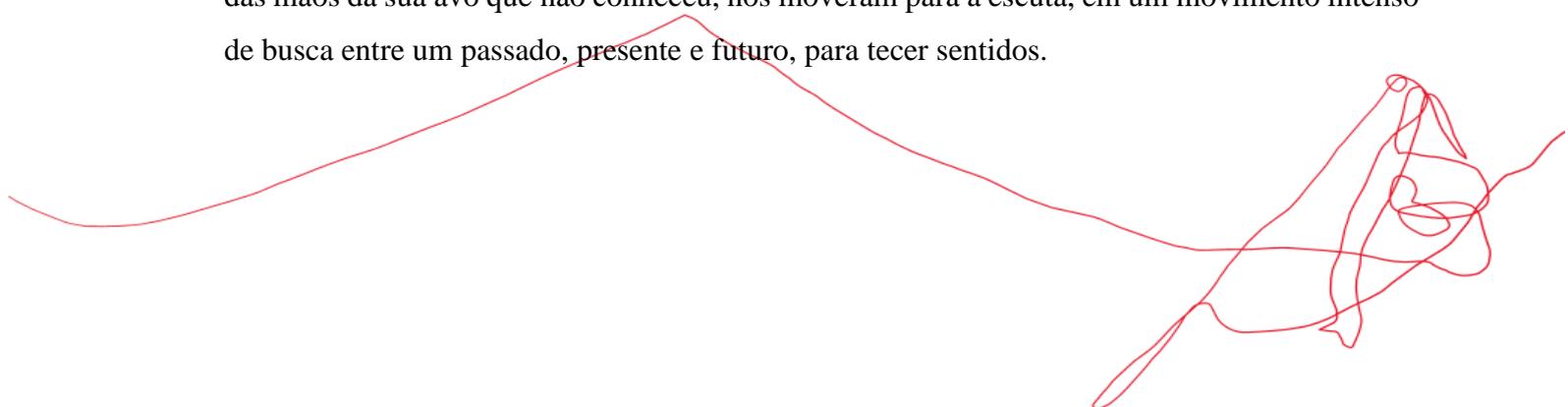
Fonte: acervo de Delory-Momberger, 2014

Compreendida como uma arqueologia de si pela imagem, a série fotográfica reúne a sua história pessoal e familiar, intergeracional, entrelaçada com os acontecimentos da história social e cultural mais ampla. Na exposição, visualizamos uma história de exílio, que atravessa três gerações, história de passagens de fronteiras e de reminiscências de um passado familiar, que a artista não viveu, mas que estão presentes como traços de sua identidade – nas marcas afetivas, nas emoções, na coragem emudecida que carrega consigo. Há uma história invisível e, na busca pela compreensão da sua história de vida, as imagens fotográficas exerceram um papel fundamental de dar-lhe visibilidade, abrindo frestas de interpretação e conhecimento.

Neste VIII CIPA, em 2018, Christine ofereceu um ateliê de criação compartilhada. A dinâmica do ateliê era um convite à criação, que partia do seu acervo fotográfico com fotos impressas da sua obra para a criação de uma narrativa pessoal dos participantes, associando-as a momentos da vida de cada um.

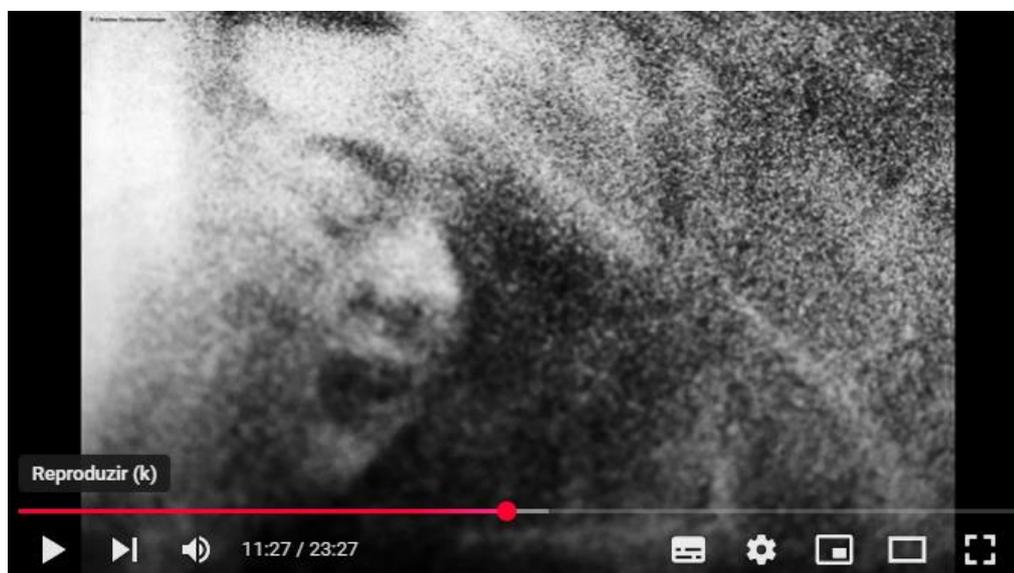
O ateliê de criação compartilhada aconteceu como uma ação artística com um grupo de 15 pessoas inscritas no congresso. Mediadas pelas imagens fotográficas, em um clima de reflexão e silêncio, foram produzidas narrativas que contavam histórias sobre relações afetivas, sobre o espaço da escola, sobre histórias guardadas e, quiçá esquecidas, lembradas a partir do acervo fotográfica da artista. O ateliê durou três horas e, ao final, entre escrita, e leitura em voz alta dos textos produzidos a partir das fotografias da artista, o grupo seguiu para uma visita guiada pela própria artista, à exposição Exílios/ Reminiscência.

Após o término do Congresso em São Paulo, a referida exposição Exílios/ Reminiscência foi montada em Belo Horizonte, na Escola de Belas Artes da UFMG, onde tive a oportunidade, pela segunda vez, de viver a experiência com o ateliê compartilhado de criação. Foi um ateliê também coordenado por Delory-Momberger, com a presença de 10 estudantes das artes visuais. Estudantes que viveram pela primeira vez esta experiência, além de conhecer a autora, já apresentada por meio de textos lidos em sala de aula. Lembro com emoção das histórias narradas, que eram visibilizadas entre palavras, gestos, olhares, mãos, desejos e sonhos dos narradores. Narrativas que davam à luz imagens da pracinha, do quintal de brincar, da infância perdida; que falavam de desejos de querer encontrar o pai no banco da praça, lembrança das mãos da sua avó que não conheceu, nos moveram para a escuta, em um movimento intenso de busca entre um passado, presente e futuro, para tecer sentidos.



Esse ateliê de criação permitiu aos participantes evocarem lembranças, sentimentos, impressões e sensações num presente carregado de um passado cheio de acontecimentos, relações, pessoas, encontros, desencontros, iluminados pelo ato de lembrar e narrar, como movimento de criação. (Re)criação de vestígios para re-afirmar uma história de vida vivida. Escrituras de nós. Com isso, esse encontro se desdobrou na produção do vídeo “Ateliê de Criação compartilhada¹”.

Imagens 8: Ateliê de criação compartilhada – Fig. VII



Fonte: acervo de Delory-Momberger, 2018

¹ Vídeo “Ateliê de Criação compartilhada 1” disponível em: <https://youtu.be/RErIjkOF5c0>

III

A obra da artista e o seu processo de criação

No exercício teórico-metodológico de busca de uma trilha que pudesse me conduzir ao centro em torno do qual gravitam histórias sobre a artista, a obra e seu processo de criação, encontro em Walter Benjamin (2022) a inspiração para assumir a pesquisa como uma viagem. Uma viagem errante, onde o desvio, como método, é guiado pela pesquisa (auto)biográfica, que me permitiu traçar roteiros para diferentes encontros-conversas, onde alguém diz a alguém, onde a escuta atenta e sensível permite capturar a paisagem – sonora, tátil, visual, olfativa, gustativa. Foram conversas em deslocamentos Brasil-França: no seu apartamento em Paris, cheio de objetos-memórias das suas viagens pelo mundo, saboreando um vinho, celebrando o encontro, entre lembranças e partilha de imagens; na varanda da minha casa em Belo Horizonte, entre causos e iguarias mineiras, rindo e confirmando que a vida é mais do que o Lattes pode enquadrar; em longas caminhadas, em busca de vestígios nas areias, em Massarandupió, na Bahia.

Também recebi da artista, alguns livros de fotografia de sua autoria. Li esse gesto como generosidade e apoio à minha pesquisa, e como disponibilidade para dar-se a conhecer. Dois livros em francês: “Lua Negra” (2023), um livro que conta com imagens e um texto poético sobre a guardiã do leito de morte da sua mãe; e “Álbum imaginário ou a família encontrada” (2022), em formato leporello, ou sanfonado, composto por fotografias que questionam: o que resta de uma família quando ela desaparece? Este álbum vem ao encontro da busca intensa da artista, da história da sua família que ela não conhecia.

Um terceiro livro que recebi da artista fotógrafa, foi “Exile/Reminiszenzen” (2021), obra originalmente escrita em francês e traduzida para o alemão, me possibilitou um diálogo mais próximo, um envolvimento maior, conduzida pelas chaves da língua que eu levava comigo e, assim, vem dele as principais informações para a pesquisa. Neste processo de constante busca pela sua história, ela traz para perto de si uma fotografia (2021, p.19) encontrada guardada no meio de documentos recebidos pelo seu tio e que pertencia ao álbum da sua mãe. Por algum

movimento, ou impulso interno, ela deseja retirar as pessoas da moldura fotográfica para colocá-las em movimento, para dar vida aos personagens. É neste movimento que a artista busca a sua máquina fotográfica para, a partir da lente de aumento, tentar chegar mais perto da imagem. Uma técnica bastante utilizada no seu caminho artístico.

Perguntas vão compondo a sua investigação/processo de criação: o que podemos achar nas imagens, se elas estão esmaecidas? Como podemos construir algo se as coisas visíveis são incertas? A solução não está clara, mas será que se precisa de uma solução para chegar até o final? O que acontece na investigação biográfica que trabalha com o suporte da fotografia e que abre caminho para a criação artística, na qual o fotógrafo é, ao mesmo tempo, protagonista, informante, informado e investigador?

A artista destaca que escolher a câmera, analógica ou digital, a marca, a sensibilidade do filme, o papel no qual serão reveladas as imagens, são alguns dos elementos que contribuem para a sua busca. Ao mesmo tempo, pondera, sua pesquisa alimenta-se de uma dinâmica que passa por diversos sentimentos, como a dúvida, hesitação, digressões, transformação, para juntar-se a algo que se revela em uma forma, mas que não tem fim. Entre questões e escolhas técnicas e sentimentos suscitados no fazer, ela segue: à medida que avança, abrem-se caminhos onde fantasmas e formas obscuras aparecem e se cruzam, como se as imagens chegassem de margens íntimas, percorrendo histórias familiares que acordam após um sono paralisante e amnésico para chegar às chamas ardentes que permitem ver o invisível. Nas imagens, fotos e texto, vida e morte se misturam. Se transformam em sentidos, dão sentido à história.

No seu processo criativo, a artista-pesquisadora também dialoga com ator Salah Al Hamdani², e fotógrafo Stéphane Duroy³. Esse diálogo contribui para dar forma a uma composição que articula imagens e texto, onde cada imagem e cada texto encontram-se no seu lugar. Assemelhando-se a uma performance estética ou ato artístico, com um distanciamento

² Salah Al-Hamdani é um poeta, ator e dramaturgo iraquiano. Preso como dissidente político na década de 1970, começou a escrever na prisão. Alguns de seus escritos foram publicados em jornais clandestinos. Continuou a escrever, em árabe e em francês, desde que se mudou para França, onde vive há três décadas.

³ Stéphane Duroy é fotógrafo e nasceu em 1948 em Bizerte, Tunísia. Mora atualmente em Paris. Depois de quarenta anos de peregrinação obsessiva nas pegadas da velha Europa até aos Estados Unidos, Stéphane Duroy parece hoje empurrado por um vento de renovação, em direção a uma práxis fotográfica cada vez mais afastada de si mesma. *L'Europe du silêncio*, obra inovadora iniciada pelo fotógrafo na década de 1980, surge como uma tentativa de partir ao encontro da grande História. Wikipedia, 2025

entre imagem e texto, o visível e o invisível se entrelaçam: entre formas visuais e verbais, uma narrativa com metáforas, catacrezes e tropos é traçada.

Considerando que o ato artístico dialoga com imagens e textos, a artista-pesquisadora conta que seu processo de criação se situa na interface entre fotografia documental e experimental: como na investigação biográfica afeta a si mesmo e ao mundo. Relacionado a este aspecto, ao falar de documento e experiência, de visível e invisível, fala também dos fantasmas que ficam rondando por aí, cruzam seu caminho e obra. Quem são os fantasmas que rondam a produção plástico-visual desta artista?

O seu processo de criação, de organização, escolha do material se inicia no seu apartamento, para depois seguir para um laboratório de fotografia. Na mesa do seu apartamento-feito-ateliê, aconchegante espaço localizado em Paris, num território cercado por restaurantes e lojas ela cria, cava mais fundo as fotos em branco e preto, para penetrar na escuridão das suas dobras, em busca da sua história. Envolvida neste processo de busca, mas também de criação, por exemplo, ela volta-se novamente para a foto que tantas vezes já olhou e interpelou: a foto de Teresa, avó da sua mãe. Desta vez, destaca vários elementos, como lenço, vestido de lã, casacão e o broche, que vão compondo a trajetória familiar, que se vai revelando, ao tempo em que se põe a escavar a fotografia.

A partir de alguns documentos da família, enviados por Joseph, pelo correio, irmão da sua mãe, ela descobre que os seus avós italianos também moraram na Alemanha. Mais uma questão até então velada para a artista. Por isso, também, ela segue na busca do (re)conhecimento da sua história, perdida no tempo no esquecimento, (re)compondo fragmentos de sentidos adivinhados/divisados no material que tem em mãos, nas imagens cheias de histórias, mas que estão congeladas no tempo. A artista deseja aquecê-las, no ateliê, por meio do ateliê, no fazer-pensar sua obra, no recordar e narrar sua história.

Folheando, vendo e lendo o livro *Exile /Reminiszenzen* (Delory-Momberger, 2021), compreende-se que a fotografia e a escrita de Delory-Momberger podem ser vistas como uma experiência automedial, de um movimento sensível da artista sobre a relação do material e do fazer a obra, do seu gesto que apreende uma reflexão subjetiva onde se operacionaliza versões provisórias de si, do outro e do mundo. Essa singular perspectiva investigativa da artista, implica um trabalho sobre si e sobre suas percepções do mundo, por meio do qual sua narrativa

engendra um alargamento do presente e um constituir-se em devir, no desenclausuramento do passado (BERNARDES, 2024).

Desta compreensão, no percurso desta pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral, fiz o exercício de conhecimento/desvelamento das obras da artista. Fiquei dias, semanas, olhando as imagens fotográficas da artista em busca de vestígios para seguir na pesquisa. Queria trazer o conceito de heterobiografia como um “processo de apropriação, de tornar próprias as experiências dos outros” (Delory-Momberger, 2014, p.156), para um processo de criação. O campo da arte como possibilidade de investigação e pesquisa. Deixei-me levar pelas imagens fotográficas da artista, em busca daquilo que poderia ser significativo para a minha história. Foi um processo lento, devagar com muitas pausas e respiros. Algumas vezes, angustiante, sem resposta. Mas o desafio estava colocado: traçar conexão e entrelaçamento com imagens que fazem parte do meu acervo pessoal e familiar (slides fotografados pelo meu pai ao longo da sua vida e que recuperei cavando baús de guardados, já referidos).

Nesse processo, reunindo materiais visual, sonoro e performático, compus duas peças videográficas, colocando as imagens lado a lado, algumas mais perto, outras mais longe ou sobrepostas, em conexão com o conteúdo, com o tema que me acompanhava, seguindo uma certa sequência cronológica. De tal modo, as narrativas possibilitadas pelo encontro de histórias e imagens foram amplificadas: da obra (auto)biográfica da artista pesquisada, produzo a minha obra, também (auto)biográfica, também me apropriando de reminiscências, às quais busco dar visibilidade, para compreendê-la.

Os dois vídeos, como possibilidade de criação artística, se diferenciam basicamente pela trilha sonora e pela apresentação das imagens, mais ou menos veladas, com ou sem intervenção performática. O primeiro vídeo, “Ateliê autobiográfico/heterobiográfico” traz a trilha sonora “Nonas” do compositor e o músico mineiro Gilberto Mauro, obra composta pelo artista especialmente para fazer parte do vídeo. O segundo vídeo “As imagens que ressoam em mim”, segue com a música “Ponto de Mutação” do grupo mineiro Uakti.

O primeiro vídeo⁴ ateliê autobiográfico/heterobiográfico com a trilha sonora “Nonas”, me permitiu vestida de branco dialogar em cena diante de uma projeção de fotografias de

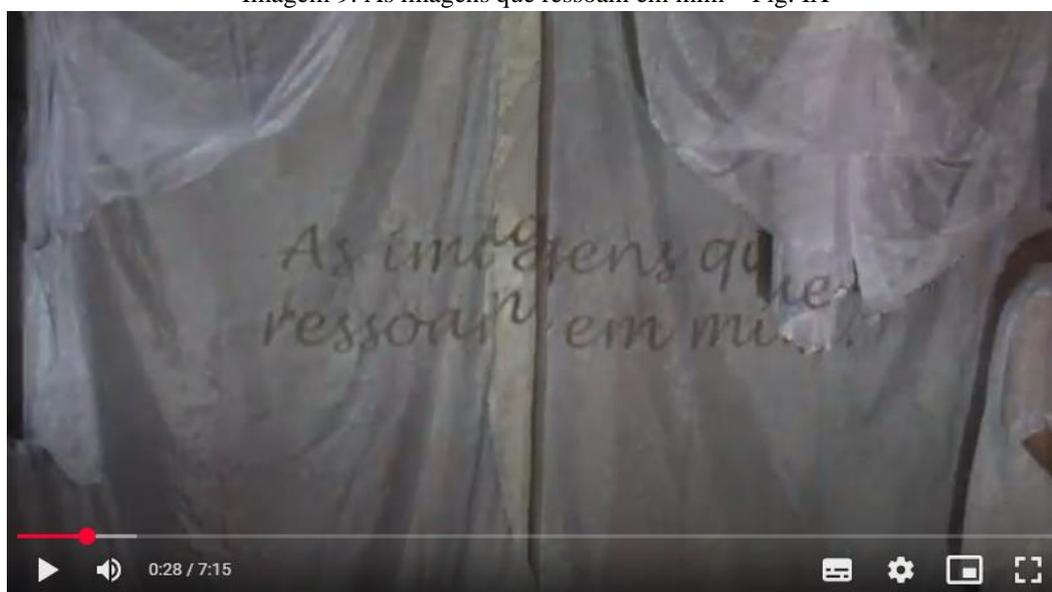
⁴ Primeiro vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BYLPqFEVP_g

família em preto e branco. Fazem parte deste cenário um tecido de voal branco que eu afasto, me enrolo, sobreponho sem deixar muito

visível as imagens que escolhi para compor a narrativa. Estão escondidas. Faço gestos de costurar, com um fio vermelho de lã, na intenção de estabelecer um elo entre as imagens do acervo da família. Um elo entre um passado que ainda ressoava em mim, presentificado.

O segundo vídeo⁵ “As imagens que ressoam em mim,” atravessa o mesmo tecido voal branco, em que a minha história projetada nas imagens dialoga diretamente com a história pessoal de Christine. O fio vermelho também faz parte deste vídeo, costurando um diálogo íntimo e universal, como que fazendo eco às histórias coletivas alemãs. Aqui, associo diretamente as imagens escolhidas da série exílios/reminiscências de Christine com o meu acervo pessoal. Se até então, as imagens estavam escondidas atrás de um tecido branco, esse segundo vídeo atravessa as imagens, deixando vibrar contornos borrados que se encontram. São imagens que carregam a fragilidade e ao mesmo tempo a força de histórias que puderam ser narradas porque me coloquei em (com)passos de busca, de escavação de vestígio, de olhares viajantes, de encontros, de diálogos atravessados pela obra fotográfica.

Imagem 9: As imagens que ressoam em mim – Fig. IX



Fonte: Vídeo 2 Rosvita: <https://youtu.be/HWsIML64SLw>

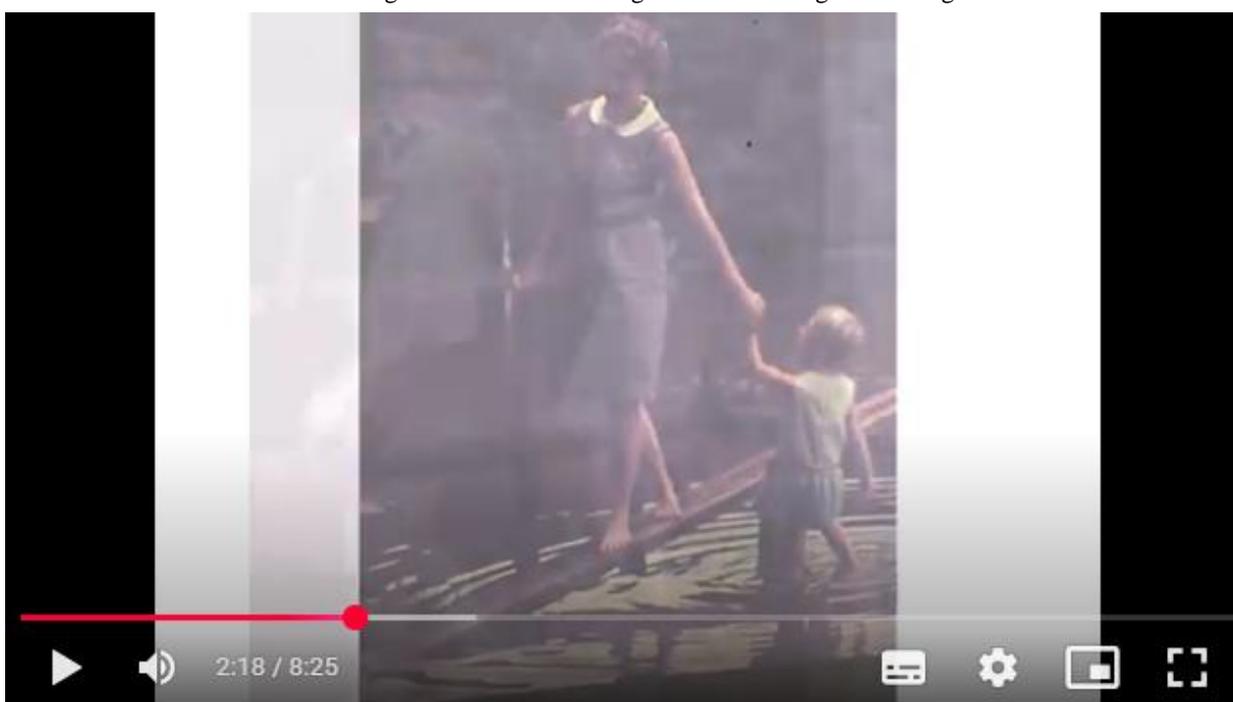
⁵ Segundo vídeo disponível em: <https://youtu.be/HWsIML64SLw>

Imagens 10: As imagens que ressoam em mim – Fig. X



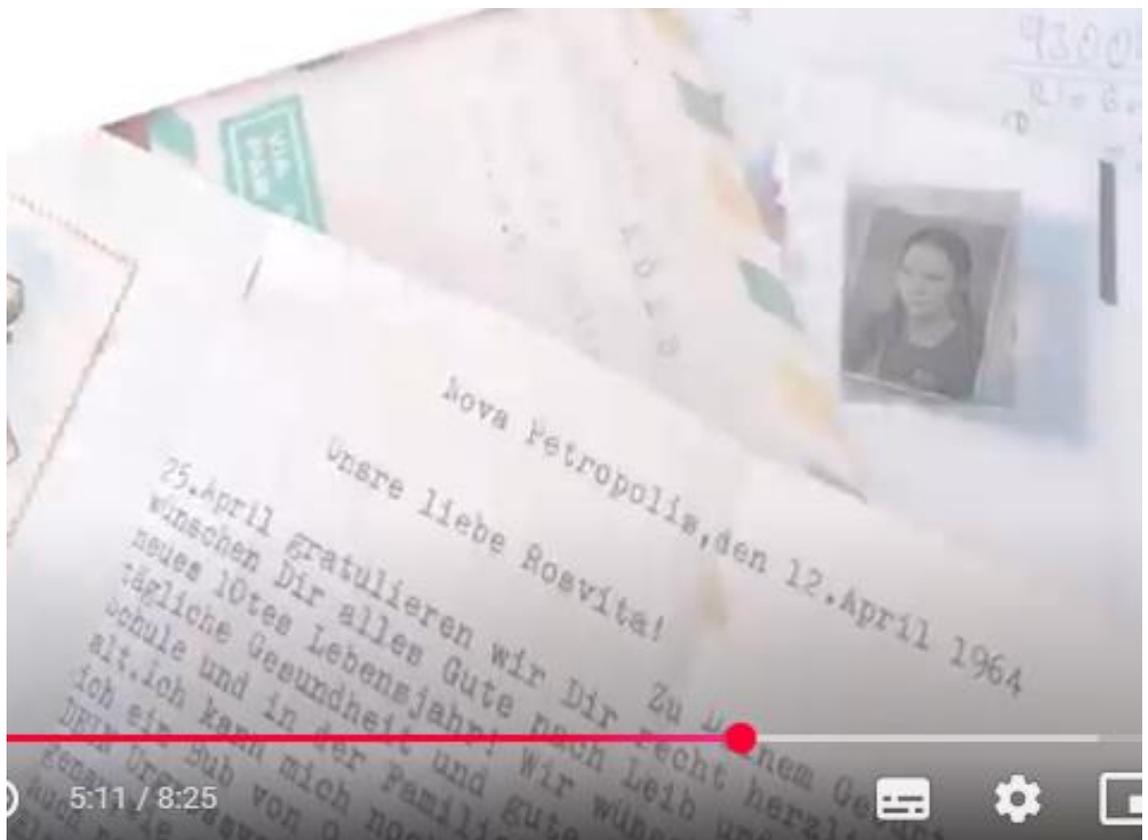
Fonte: Vídeo 2 Rosvita: <https://youtu.be/HWsIML64SLw>

Imagem 11: Ateliê autobiográfico/heterobiográfico – Fig. XI



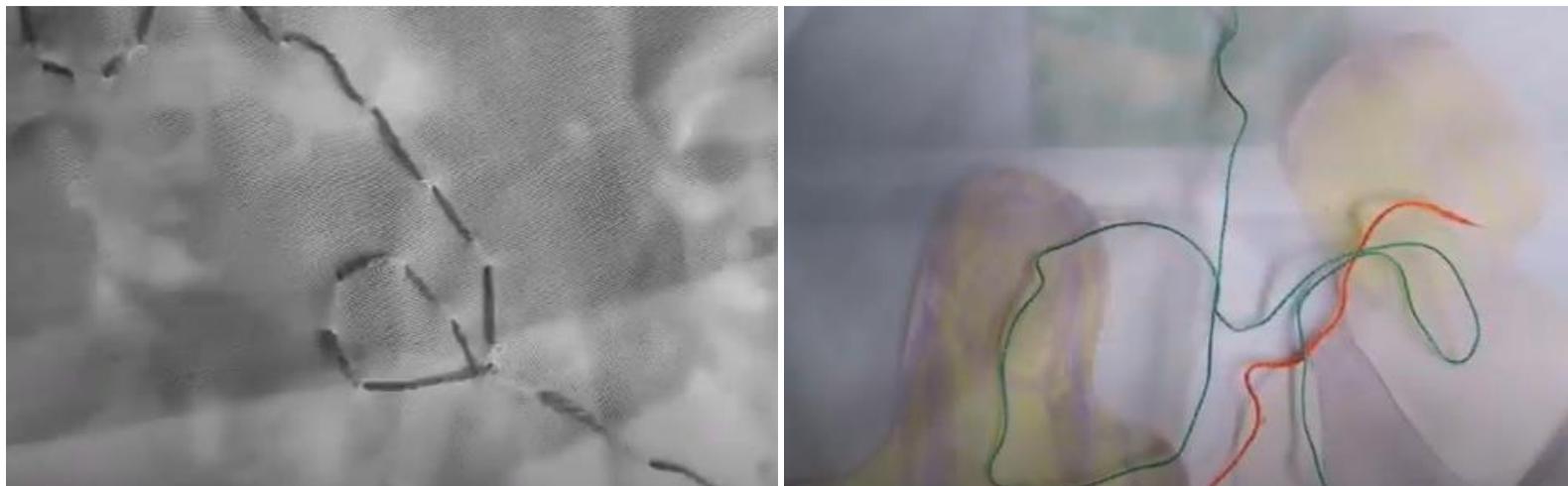
Fonte: Vídeo 1 Rosvita: https://www.youtube.com/watch?v=BYLPqFEVP_g

Imagens 12: Ateliê autobiográfico/heterobiográfico – Fig. XII



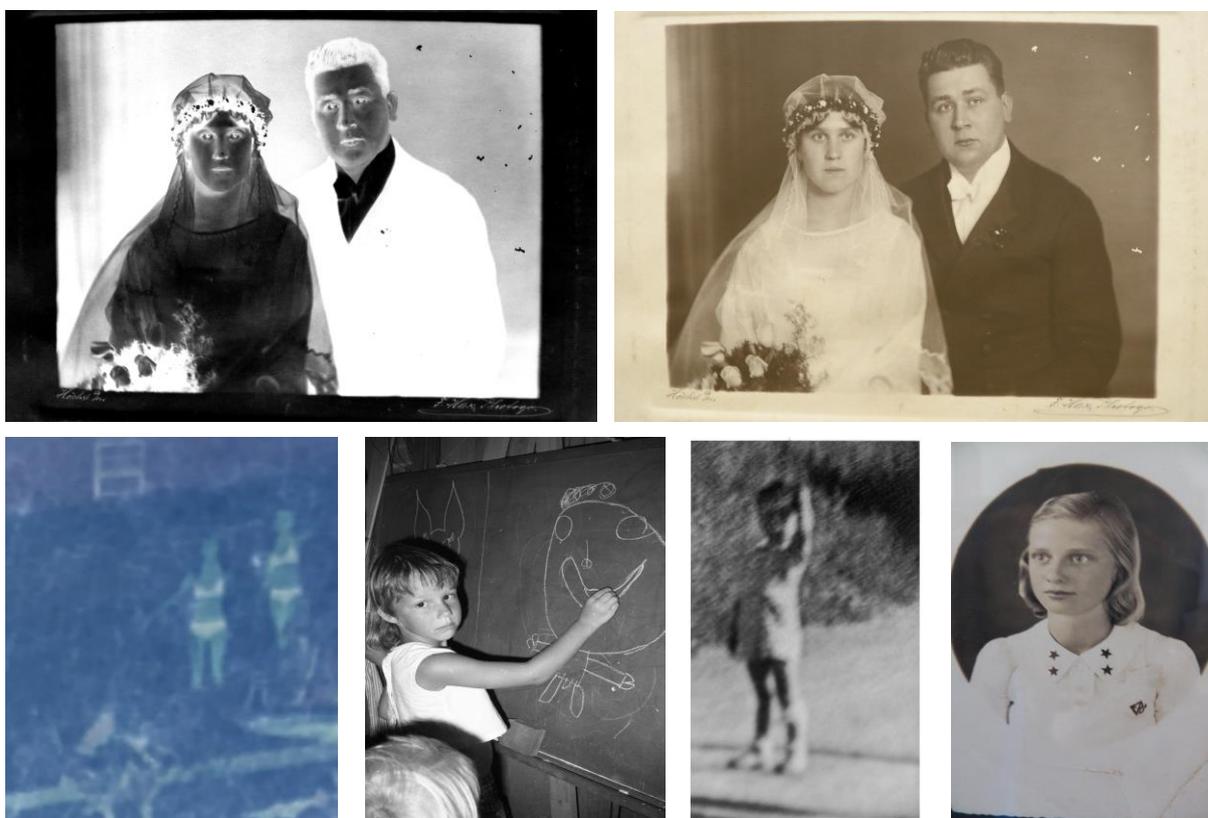
Fonte: Vídeo 1 Rosvita: https://www.youtube.com/watch?v=BYLPqFEVP_g

Imagens 13: Ateliê autobiográfico/heterobiográfico – Fig.



Fonte: Vídeo 1 Rosvita: https://www.youtube.com/watch?v=BYLPqFEVP_g

Imagens 14: Ateliê autobiográfico/heterobiográfico – Fig. XIV



Fonte: Acervo da autora

No espelho, ressonâncias e sentidos
para pensar o ateliê auto/heterobiográfico

Ressonância. Uma maneira de encontrar o mundo, as pessoas (Harmut Rosa, 2022, p.6). A obra da artista me toca, me provoca. Com/por ela eu sou movida a pensar na minha própria produção artística. Identifico ecos, ressonâncias, encontros – com a pessoa e a obra de Christine Delory-Momberger. Já imersa no processo de pesquisa, em maio de 2024 participei do X CIPA, realizado em Salvador/BA, com o tema “Insubordinações da pesquisa (auto)biográfica: democracia, narrativas e outros modos de vida”. Nesta oportunidade, dividi com Christine Delory-Momberger e com o fotógrafo francês Valentin Bardawil, uma mesa redonda intitulada: Histórias em espelhos, auto/heterobiografia e fotografia.

Christine Delory-Momberger compartilhou um texto intitulado “Do exílio à ressurreição: Uma história de si e do mundo”, que ela apresentou acompanhada de algumas fotografias de seu trabalho fotográfico e de um filme fotográfico em torno de sua última série “Nas entranhas da terra”.

Valentin falou sobre o Observatório das novas escritas da fotografia documentária: “Um laboratório experimental da imagem ativa” e eu falei sobre “Heterobiografia: o espelho entre um si mesmo e o outro”, trazendo reflexões sobre a pesquisa em desenvolvimento no pós-doutorado. Pergunto-me qual efeito que o trabalho da artista provocou em mim, falo sobre o movimento intenso em busca das imagens que me constituem, em ressonância com as imagens fotográficas da obra da artista pesquisada, que me atravessa e me convida a olhar reminiscências de gestos que compõem a minha própria história. Acompanhou a minha apresentação o vídeo com a música “Nonas” do músico Gilberto Mauro, já referido.

Destaco que essa participação também foi um desdobramento do pós-doutorado em curso, momento em que produzi sínteses parciais sobre os dados recolhidos até então, articulando reflexões sobre a invenção no ateliê autobiográfico e sobre como a arte, sob as mais diversas modalidades, nos permite agregar fragmentos de nossas experiências sensoriais, projetando-se em (auto)conhecimento. O ateliê autobiográfico de projeto, proposto por Delory-Momberger (2006), articulou-se à minha experiência com o ateliê de arte, e desenhou

possibilidades outras para o trabalho auto/heterobiográfico, na medida em que se abre como espaço-tempo para quem dele participar operar com diversas linguagens, para se entregar à rememoração, narra-se e constituir um si mesmo.

No caminhar da pesquisa, produzindo dados, cavando materiais visuais, lendo os livros e imagens fotográficas da artista que pesquisava, uma evidência se confirmou: o efeito da escuta e acolhida da obra acadêmica e artística de Christine, repercute no meu processo de criação e se desdobra na minha formação, permitindo-me, pelo processo de rememoração-narração-reflexão, revelar paisagens que me habitam e me constituem, atribuindo-lhe sentido. Conhecer/ver a obra da artista-professora franco-alemã colocou-me diante do espelho, no qual avisto um si mesmo e um outro: ao debruçar-me no trabalho da artista Christine Delory-Momberger, ao interagir com sua poética, ao reconhecer um fazer-saber artístico próprio, vejo-me refletida no espelho: que imagens me constituem, ou me revelam?

Em contato com sua obra, sou atravessada pelas imagens fotográficas produzidas por ela e, em espiral ressonância, nos gestos que vejo, reconheço elementos que compõem a minha própria história. É pela criação estética, entre práticas autobiográficas no ateliê, que olho para um passado que corre entre Alemanha e Brasil e (re)crio minha história. A narrativa imagética que salta das séries fotográficas de Christine, me revelam como a heterobiografia constitui um elemento de construção de sentido: eu me percebo como sujeito ao apreender as significações da minha experiência de vida a partir da sua obra fotográfica. Esse encontro com o trabalho da artista se desdobra em outras histórias, outras imagens e novas perguntas e argumentos, ainda que provisórios: as imagens criadas em um ateliê autobiográfico poderia ser o espelho do artista-professor-pesquisador, considerando que essas imagens manifestariam, como retratos, o reflexo da sua identidade em processo de composição.

O espelho é uma metáfora vigorosa para discutir as complexas relações entre imagem e realidade, essência e aparência, verdade e ilusão, memória e esquecimento, narrativa e autobiografia. Espelho e ateliê auto/heterobiográfico: que relações podem ser evidenciadas? Lembro de Clarice:

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu



espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa. (LISPECTOR, 1998).

Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chama talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo (LISPECTOR, 1999).

Dentro dos olhos de cada um, em suas pupilas, existe um espelho que nos olha. Como ver o que nos olha? Na imagem do espelho, tanto me vejo quanto me reconheço no outro. São essas marcas da alteridade que encontramos no jogo entre o eu e o outro, no auto/heterobiográfico da existência. O espelho é, então, o lugar do encontro e do reencontro: com a minha existência e com o outro, diferente de mim. No espelho, olho para dentro e para fora, nele me reconheço, vendo-me refletida em outras imagens, outras paragens, que são também outros lugares de memória e de recordação. A experiência do ateliê auto/heterobiográfico representa o espelho, cujas imagens podem nos conectar com a ancestralidade e com as histórias de vidas que se entrelaçam e modificam nossa forma de ver o mundo. Espelho, objeto: convida a um movimento de autoconhecimento. Espelho, símbolo: representa a consciência da manifestação do outro através do meu olhar.

Oxum, orixá das águas, carrega em sua mão um espelho, que para além da representatividade da vaidade, acredita-se também que nele se mostra o poder feminino, o poder da gestação, a capacidade de criação e o amor partilhado. Nessa simbologia de Oxum, vivo dos achados e perdidos que me salvam, e recentemente, o trabalho da Christine Delory-Momberger tem sido como o ouro que ressoa em minha criação e alimenta o meu processo autobiográfico. (BERNARDES; OSTETTO, 2024, p.3)

Quando partilhei dados parciais da pesquisa, por meio do vídeo apresentado no X CIPA, já referido, o espelho ficou mais iluminado e nele outros reflexos-reflexões foram revelados. Refiro-me ao comentário do fotógrafo Valentin, que recebi por e-mail, alguns meses depois da minha apresentação, na mesa-redonda que compartilhamos em Salvador. Sua escrita, ao modo crítica de arte, lançou luzes não apenas sobre minha produção fílmica/videográfica, mas sobre aspectos da história que eu buscava contar: o processo de criação, a vida e a obra da artista-

pesquisadora Christine Delory-Momberger. Deste modo, incorporo o comentário na íntegra, pois contribui para ampliar a compreensão da temática em foco e mapear outras questões suscitadas pela pesquisa.

A mensagem/texto recebido, em francês, teve a tradução feita por Emanuel Nogueira Barros, estudante de doutorado na FAE/UFMG, a quem agradeço.

Eu descobri o trabalho de Rosvita Kolb Bernardes durante o CIPA, um colóquio internacional intitulado Insubordinação da pesquisa biográfica, democracia, narrativa e outros modos de vida, que aconteceu de 20 a 23 de maio de 2024 em Christine Delory-Momberger estava também presente nesta mesa redonda com um texto intitulado: Do exílio à ressurreição: Uma história de si e do mundo, que ela apresentou acompanhada de algumas fotografias icônicas tiradas de seu trabalho fotográfico e de um filme fotográfico em torno de sua última série "nas entranhas da terra" que eu tinha realizado. Enquanto antropólogo do vivo e fundador do Observatório das novas escritas da fotografia documentária com Christine Delory-Momberger, abri eu mesmo essa mesa redonda com uma intervenção intitulada: O Observatório das novas escritas da fotografia documentária: Um laboratório experimental da imagem ativa.

Mas para voltar à apresentação de Rosvita, eu fui tocado pelo filme de 7,15 minutos que ela realizou e apresentou naquele dia, uma verdadeira criação artística na qual ela se filma, vestida de branco diante de uma projeção de suas fotografias de família em preto e branco dissimuladas por dois grandes véus brancos. Sobre certas imagens dela ou de sua irmã, meninas com tranças ou diversos membros de sua família, pais ou avós. Rosvita afasta o véu para que as fotografias apareçam mais claramente aos espectadores. O filme é acompanhado de uma música ao piano evocando uma certa nostalgia. A partir do segundo minuto, vemos pendurado sobre as cortinas brancas um fio vermelho que ela tenta desenrolar e que ela termina conseguindo.

Se os simbólicos do véu e do fio vermelho podem parecer evidentes na evocação de uma vida, eu imediatamente senti que não era nesta direção que Rosvita queria nos levar com esse filme. Estava manifestado que a artista tentava ir além das formas e dos símbolos estabelecidos. A fragilidade com que sentíamos que ela estava fisicamente investida no filme, para não falar do perigo, pelo menos artisticamente, conduzia o espectador a procurar fora a emergência das forças criadoras.

De minha parte, foi na apresentação das fotografias de Christine, da responsabilidade de Rosvita, que as vi aparecer. Na verdade, Rosvita devia se ocupar-se da montagem da exposição da série fotográfica "nas entranhas da terra" antes da chegada de Christine ao Brasil, mas não havendo local apropriado, ela se serviu de um tecido branco que fazia eco a aquele de seu filme para construir em um lugar de passagem um espaço para pendurar as fotografias. É então sobre um tecido branco quase idêntico aquele do qual estavam escondidas as fotografias da sua família que ela fixou as sete séries de fotografias que compunham a série de Christine.

Esta disposição espacial dava o sentimento que se no momento da produção de seu filme Rosvita devia ainda "dissimular"(esconder) suas fotografias familiares por trás de um véu branco, ao montar a exposição, as imagens de Christine permitiu-lhe simbolicamente atravessar esse véu que até então escondia a sua obra, para enfim operar, estabelecer uma conexão da sua história com a história pessoal de Christine, construída em parte na Alemanha e fazendo eco a história coletiva alemã.

Esse sentimento de transmissão e de relação entre essas duas histórias fotográficas foi confirmada quando eu vi o segundo filme, que Rosvita projetou alguns dias mais tarde na Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte. Se para mim e Christine nossas apresentações foram idênticas, Rosvita decidiu mostrar um outro filme. Mais clássico no qual desta vez suas fotografias de família foram associadas diretamente àquelas tiradas... da série exílios/reminiscências de Christine. Esse novo filme trazia oficialmente um diálogo íntimo e universal com a história de Christine.

Enfim, alguns dias mais tarde, eu fui tocado desta vez por uma fotografia de Christine pregada na parede do apartamento de Rosvita, não somente porque ela era a única de Christine, mas também porque essa foto é particularmente simbólica do trabalho da pesquisadora/fotógrafa na procura de um lugar ligado a uma construção identitária em torno do exílio.

Imagem 15: Delory-Momberger – Fig. XV



Fonte: acervo de Delory-Momberger

Nesta fotografia em preto e branco, vemos duas mulheres virando a cabeça. À esquerda da imagem, em pé, atrás de uma placa sobre a qual está escrito (Sem passagem). Esta foto é fundamental na história de Christine pois ela marca sem contestação seu questionamento profundo sobre seu lugar entre a Alemanha e a França. Aos 18 anos ela se instala para além do Reno. E é esse sentimento de exílio pessoal e familiar que não a deixará jamais. Uma das primeiras palavras que Christine me disse no momento de nosso encontro é: "eu sou uma exilada na vida".

Penso que Rosvita escolheu esta foto por razões idênticas, porque ela exprimia a fronteira que seu avô tinha atravessado para vir se instalar no Brasil e todas as consequências que esse ato podia ter sobre as gerações seguintes e sobre ela e sua irmã em particular. Mas o que Rosvita não podia saber, é o duplo sentido que tem esta fotografia no trabalho de Christine. Não é minha ideia questionar as palavras performativas de uma investigadora internacional como Christine nem o seu sentimento íntimo de ser "uma exilada para toda a vida". No final do texto que escrevemos juntos, O poder do íntimo na fotografia documental, reconstituindo os meses de investigação interna que havíamos realizado, Christine já evocava outra relação com o exílio. Ela falou de "um território singular com contornos borrados" encontrado graças à fotografia.

Aqui estão suas palavras exatas: "Escrever este texto me fez encontrar minhas palavras, elas estavam nas imagens, a investigação interior as elevou e fez vibrar a música do sensível, forjando em seu percurso uma linguagem de sintaxe íntima cujo ritmo, nuances e o timbre não é mais gerado por um único idioma. É a linguagem do território singular com os contornos borrados e comoventes que as minhas imagens me deram, aquela com a qual pude sondar um mundo de silêncio e de esquecimento e que pude nomear, o dos pequenos fantasmas, que dos meus gestos e dos meus passos na estrada da viagem, aquela que me fez chegar. Esta linguagem tem a força do que a excede e a fragilidade das suas deficiências, carrega em si os tempos combinados de uma história que é uma entre outras, é a linguagem da sobrevivência. É a minha língua.

Isso foi só o começo da apropriação de um território íntimo e pessoal que a arte e mais particularmente a fotografia permite e que é necessário colocar em perspectiva com o território físico, este do país ou da Terra. Ao longo do trabalho que continuamos fazendo juntos, tornou-se cada vez mais óbvio que se Christine tivesse "atravessado a fronteira" como os seus antepassados antes dela e tivesse deixado a França para se estabelecer na Alemanha, um país que veria o nascimento da filha, ao voltar a viver na França e quebrar os ciclos do exílio, conseguiu definir através da fotografia um território íntimo e criativo de ligação que pouco a pouco encontraria corpo na realidade física.

Depois de encontrar sua língua, ela descobriu há algumas semanas que seus ancestrais e seu nome Delory vieram de silvicultores que moravam perto do local onde fica a casa de sua família herdada de seus pais. O exílio não era então mais o seu único território de construção e esta fotografia escolhida por Rosvita e pendurada na parede da sua casa enquadrava-se bem no quadro desta ligação que ela também estabelecia com a realidade de um território físico através de Christine e da fotografia.

A carta/texto que recebi de Valentin, também contribuem para sabermos mais dados biográficos inscritos na história de Christine Delory-Momberger. É, também, um material a ser perscrutado, com atenção e sensibilidade, em toda sua trama de dados singulares, revelados por alguém que vem trabalhando lado a lado com a artista. Mas deixo para outra oportunidade.

Para finalizar este tópico, quero marcar que Delory-Momberger nasceu na França. De pais franceses, com 18 anos foi para Alemanha, onde constrói sua vida entre duas culturas: a francesa e a alemã, que formam o tecido da sua biografia pessoal e intelectual. Também quero destacar sua imersão social na sociedade alemã, com estudos na Universidade Goethe, em Frankfurt e o contato profissional com o público alemão (e, em especial, com os alunos) como chefe do departamento de formação na pedagogia de um importante instituto de treinamento

francês na Alemanha. As visitas às universidades alemãs como professora, marcaram a sua jornada intelectual e influenciam a sua concepção de trabalho e pesquisa universitária.

A presença do pensamento alemão é perceptível na sua pesquisa, nas suas orientações. No nível institucional, a sua afiliação franco-alemã é concretizada por sua participação em várias organizações e redes de pesquisa: pesquisa no OFAJ [Escritório Franco-Alemão para a Juventude] (diretoria de pesquisa que reúne professores-pesquisadores franceses e alemães e candidatos a doutorado), membro da *Deutsche Gesellschaft für Erziehungswissenschaft* [Sociedade Alemã de Ciências da Educação], membro da *Gesellschaft für Historische Anthropologie* [Sociedade de Antropologia Histórica e Cultural] da *Freie Universität Berlin*.

A sua carreira como professora e pesquisadora segue por um longo tempo na Alemanha até quando ela foi impulsionada pelo desejo de criar, na França, uma corrente de pesquisa, da pesquisa biográfica, e de fazer parte de uma discussão internacional baseada em um campo disciplinar reconhecido e constituído, especialmente nos países anglo-saxões e germânicos, *Biographieforschung* (pesquisa biográfica).

No campo da pesquisa biográfica em educação ela tem se dedicado a criar redes em âmbito nacional e internacional entre parcerias na Europa, Ásia, África e América Latina contribuindo com pesquisas e investigações⁶.

⁶ Links da artista e pesquisadora Christine Delory-Momberger com mais informações sobre sua carreira e pesquisa: 1. <https://www.christine-delory.com/> 2. <https://www.christinedeloryphotography.com/> 3. https://www.instagram.com/christine_delory_momberger/

U
Produções relacionadas/decorrentes
do projeto de pós-doutorado

Neste tópico, relaciono atividades, ações e produções compreendidas no período do estágio pós-doutoral, que se conectam com a pesquisa desenvolvida e/ou com o tema em questão: seminários.

Seminário Internacional:

Da escuta ao Olhar: a pesquisa biográfica e um outro modo de fazer Ciência.

Imagem 16: Seminário Internacional – Fig. XVI



Fonte: acervo pessoal da autora

Fiz parte da comissão que organizou o Seminário Internacional, que teve por temática “Da escuta ao olhar: a pesquisa biográfica em um outro modo de fazer ciência”, também participei como palestrante e fiz a curadoria da exposição. Realizado nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2024, na Escola de Belas Artes e na Faculdade de Educação da UFMG, o evento contou com a presença de Christine Delory-Momberger e Valentin Bardawil, da França, conduzindo o seminário, um ateliê compartilhado e expondo uma série fotográfica. Para efeito de contextualização e documentação, reproduzo a programação/temas abordados:

Seminário - Histórias em espelhos: auto/heterobiografia e fotografia

Observatório das novas escritas em fotografia documental: um laboratório experimental da imagem atuante.

Valentin Bardawill (França)

Do exílio ao momento presente da vida: uma investigação interior mediante imagem e texto
Christine Delory-Momberger (França).

Heterobiografia o espelho entre um si mesmo e o outro: as imagens que nos fazem nascer
Rosvita Kolb Bernardes (Brasil).

Ateliê de criação compartilhada

Christine Delory-Momberger e Valentin Bardawil

A proposição do ateliê: O início do Antropoceno marca a chegada de uma extinção generalizada de espécies vegetais e animais e dos ambientes que as sustentam. Também chamada de sexta extinção, essa situação evidencia a necessidade urgente de reagir e se mobilizar para tentar desacelerar, se não impedir, esse fenômeno de destruição em massa. Mas também pode haver uma sétima extinção da qual não estamos falando, uma extinção mais frágil e invisível, que seria a extinção de nossas sensibilidades. O tipo de subjetividade que se desenvolveu no Ocidente, e que se espalhou por todo o planeta, anestesiou gradualmente nossa relação sensível com o mundo em favor de uma relação instrumental. Foram gradualmente corroídas as nossas maneiras de sermos afetados pelo que acontece com os seres vivos em sua pluralidade de formas. Além das questões jurídicas, políticas, éticas e institucionais envolvidas na abordagem dessa questão, perguntemo-nos: que tipo de sujeitos mutilados estamos fabricando e como esses sujeitos, mutilados de sua ligação sensível com o mundo, vivenciam suas relações com esse mundo? Como podemos redescobrir o vínculo *ecobiográfico* com os seres vivos? Como podemos ouvir o que a Terra tem a nos dizer? Como podemos nos sentir novamente *parte da Terra*? Como podemos sintonizar novamente nossos "eus" em um "nós"? Como podemos viver conscientemente nossa interdependência?

Imagens 17: Ateliê de criação compartilhada – Fig. XVII



Fonte: acervo pessoal da autora

Imagem 18: Ateliê de criação compartilhada – Fig. XVIII



Fonte: acervo pessoal da autora

Exposição Fotográfica: Nas Entranhas da Terra⁷

Fotografias de Christine Delory-Momberger

Curadoria de Rosvita Kolb Bernardes e Alexandra Siqueira

Imagem 19: Cartaz – Fig. XIX



Fonte: acervo pessoal da autora

⁷ Link da série fotográfica *Nas Entranhas da Terra* no site da artista:
<https://www.christinedeloryphotography.com/-/galleries/aux-murmurations-du-monde>

A artista narra uma jornada de escuta da Terra e de suas encarnações até suas profundezas plenas de silêncio. A fotógrafa apreende as fragilidades de uma Terra ferida em metamorfose, aproxima-se de suas fissuras e rachaduras, mergulha nelas e se comove, fitando suas elevações face ao infinito do céu. Seu gesto fotográfico retém a obstinação das pedras, a paciência do vegetal e a experiência animal, fazendo-a sentir-se parte *dessa* Terra.

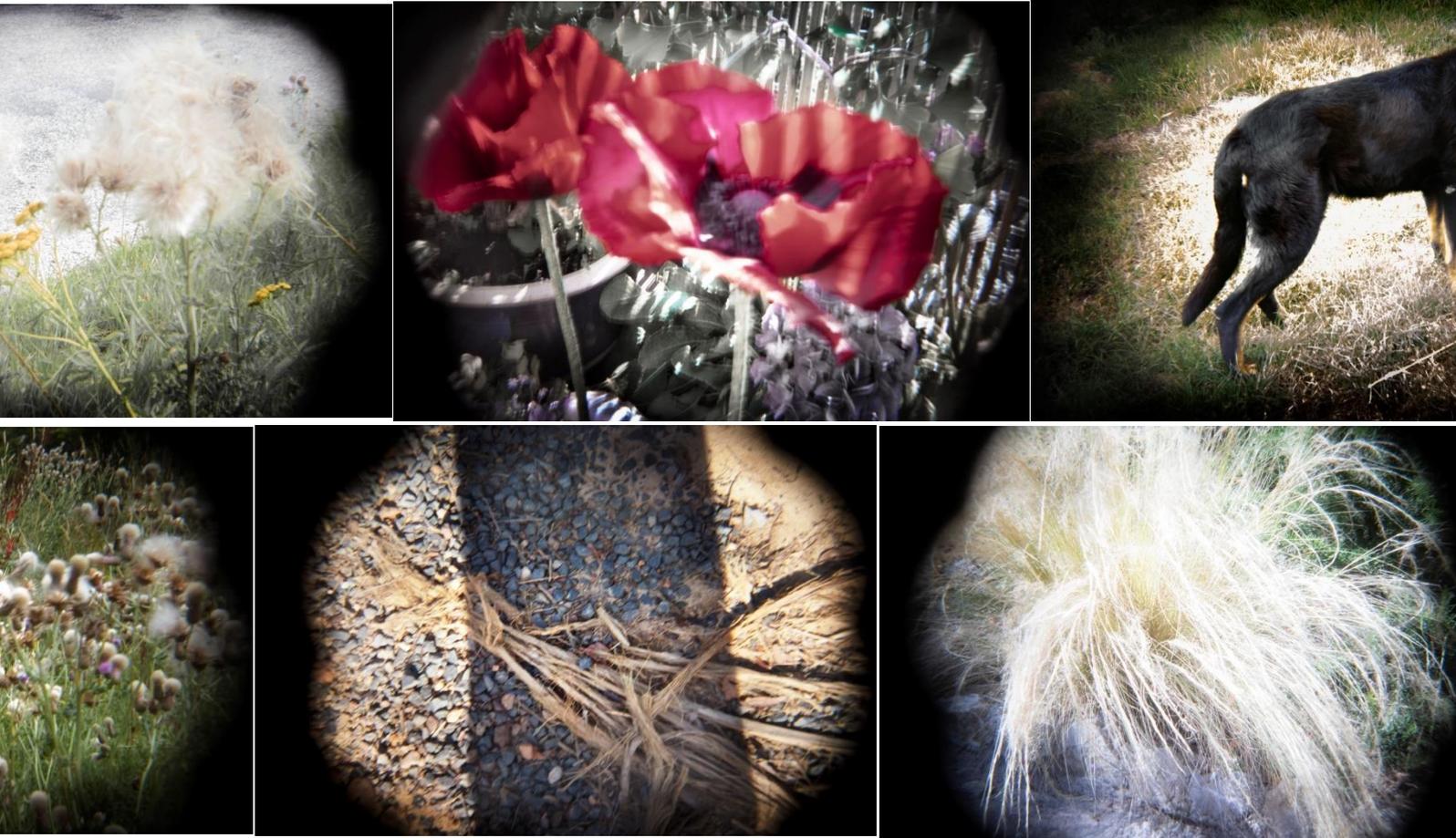
O irradiação dos humanos a confunde e a convida a fortalecer a aliança de *existir* nas interdependências entre seres vivos e não vivos. Por meio de suas imagens, ela nos convida a *cuidar*, protegendo um modo de vida *responsável* que forjará o mundo de amanhã.

Imagem 20: Exposição Nas entranhas da terra – Fig. XX



Fonte: Delory-Momberger, 2024

Imagens 21: Exposição Nas entranhas da terra – Fig. XXI



II Seminário Rodas do FIAR

FEUFF, novembro de 2023

Imagem 22 Cartaz Arte vida, Vida arte – Fig. XXII

RODA DE CONVERSA - II SEMINÁRIO RODAS DO FIAR

ARTE VIDA, VIDA ARDE:
(RE) EXISTIR NA DOCÊNCIA COM PESQUISA E ARTE

**ACENDER, REALÇAR,
ANIMAR (RE)
EXISTÊNCIAS**

28 set QUINTA-FEIRA
9h Sessão de conversa

UFF - CAMPUS DO GRAGOATÁ
SALA PAULO FREIRE - 3º ANDAR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFF

Inscriva-se em
www.extensão.uff.br

UFF Universidade Federal Fluminense PROEX

ROSVITA KOLB
(Professora EBA/UFMG)

ALINE THOMAZ
(Mestranda EBA/UFMG)

Fonte: acervo do FIAR

Participei, em companhia da mestranda Aline Lages, da sessão de conversa “Acender, realçar, animar (re)existências”, no II Seminário Rodas do FIAR. Promovido pelo Círculo de estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), e com o tema “Arte vida, vida arte: (re)existir na docência, com pesquisa e arte”, o seminário foi realizado em novembro de 2023, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ.

Nossa participação resultou em um capítulo de livro, publicado na coletânea organizada pela professora Luciana Ostetto e pelo professor José Firmino de Oliveira Neto (2024), do qual cito um pequeno trecho, como forma de dar a conhecer o teor da reflexão proposta, que também se articula aos estudos do pós-doutorado.

[...] partilhamos passos de um caminhar marcado pela ação artística, com práticas contemporâneas que propõem a interlocução entre arte e educação, pensando nos sujeitos como protagonistas do seu conhecimento, de seu processo de criação. Como em um processo de fruição, a (form)ação vai sendo significada com a vida e, por isso, nos permite diferentes aprendizagens, entre

saberes e práticas: nos objetos, nas histórias, nas narrativas, nas imagens, nos encontros, na pausa, no silêncio, nos desenhos, estão possibilidades de busca de sentidos, de invenção e criação - de si, da arte, da educação. Nesta perspectiva, também nos acompanham as abordagens auto/heterobiográficas, pelas quais a enunciação da palavra própria, articulada com imagens-agentes, nos conduzem às histórias de vida, afirmadas como caminhos de pesquisa-formação. Neste caso, falamos de processos de criação em arte, onde o sujeito, operando com diversas linguagens, na experiência sensível de relação com o material e o fazer, experimenta gestos que o conduzem para si mesmo, objetivando o ser em reflexões, e versões, provisórias de si, do outro e do mundo. São poéticas da resistência que nos compõem para criar um mundo interligado onde o resistir é um gesto de autoamor. Um gesto contínuo na jornada da existência de todas as espécies do planeta. Resistir é a proposição do encontro, do movimento, da fluidez para engendrar a vida transitada por tudo e todos. Resistir é se juntar num movimento de sobrevivência comum, rompendo fronteiras impostas. (LAGES; KOLB-BERNARDES, 2024, p.84-85)

As histórias, partilhadas em narrativas textuais e imagéticas, no II Seminário Rodas do FIAR, falam de uma prática artística como ato de (re)existência, como fiação de narrativas – de pesquisa, de formação e de vida -, para fertilizar processos formativos e práticas pedagógicas, atentos ao perigo de uma história única. Ao redor da mesa, com o coração pulsando de esperança, acendemos chamas de (re)existências: fazer arte, tecer a vida, pelas vias da educação, é uma possibilidade!

Imagens 23: Na conversa, com Aline e no registro com a supervisora do estágio pós-doutoral – Fig. XXIII



Fonte: acervo do FIAR (2023)

GIS -le sujet dans la cité, Sorbone Paris Nord - Campus Condorcet

Após a minha apresentação no X CIPA, em Salvador, e do III Seminário Internacional, em Belo Horizonte, já citados, recebemos o convite para participar do grupo de pesquisa GIS - le sujet dans la cité⁸, coordenado pela Christine Delory Momberger. O convite segue com a proposta de aprofundar as parcerias e pesquisas com a possibilidade de publicações entre os pesquisadores das duas universidades.

Imagem 24: site Le sujet dans la cite– Fig. XXIV



Fonte: <https://www.lesujetdanslacite.com/>

⁸ Disponível em <https://www.lesujetdanslacite.com/>

UI

No fechamento de um ciclo: (Des) ver o mundo, não aceitar o achatamento
e a obediência que repousa nas coisas

Imagem 25: Mala – Fig. XXV



Fonte: acervo da autora

Finalizo o meu relatório com uma imagem: a mala que me acompanha, já faz tempo, na minha vida. Desde meu tempo de doutorado esta imagem se revelou e segue comigo nas minhas andanças, nas pesquisas, no ensino, na extensão, da Educação Básica à Universidade. Esta mala projetada na imagem, tem existência física e, antes de se fazer metáfora do caminho, foi aberta inúmeras vezes ao longo da minha trajetória docente e pessoal, ancorando-me em vários fluxos, paragens. Com ela, meu corpo vive a tentativa de ver, de rever, de desver a bagagem que compõe a minha trajetória como artista, professora e pesquisadora. Gosto de des(ver) o mundo que me provoca a não aceitar o achatamento e obediência que repousa nas coisas. Gostaria, assim, de anunciar que, mais do que escrever um relatório para fechamento de um ciclo, quero desenhar pontos: de partida, de passagem, de confluência.

Na partida, para que eu fizesse a minha escolha do tempo-lugar para realizar o estágio de pós-doutorado, contou a busca da delicadeza, do encontro fecundo, do lugar do afeto. Assim cheguei ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense,

pois nele estava uma interlocutora com a qual, desde meu doutoramento, teci diálogos férteis e parcerias acadêmicas frutíferas: a colega professora dra. Luciana Esmeralda Ostetto.

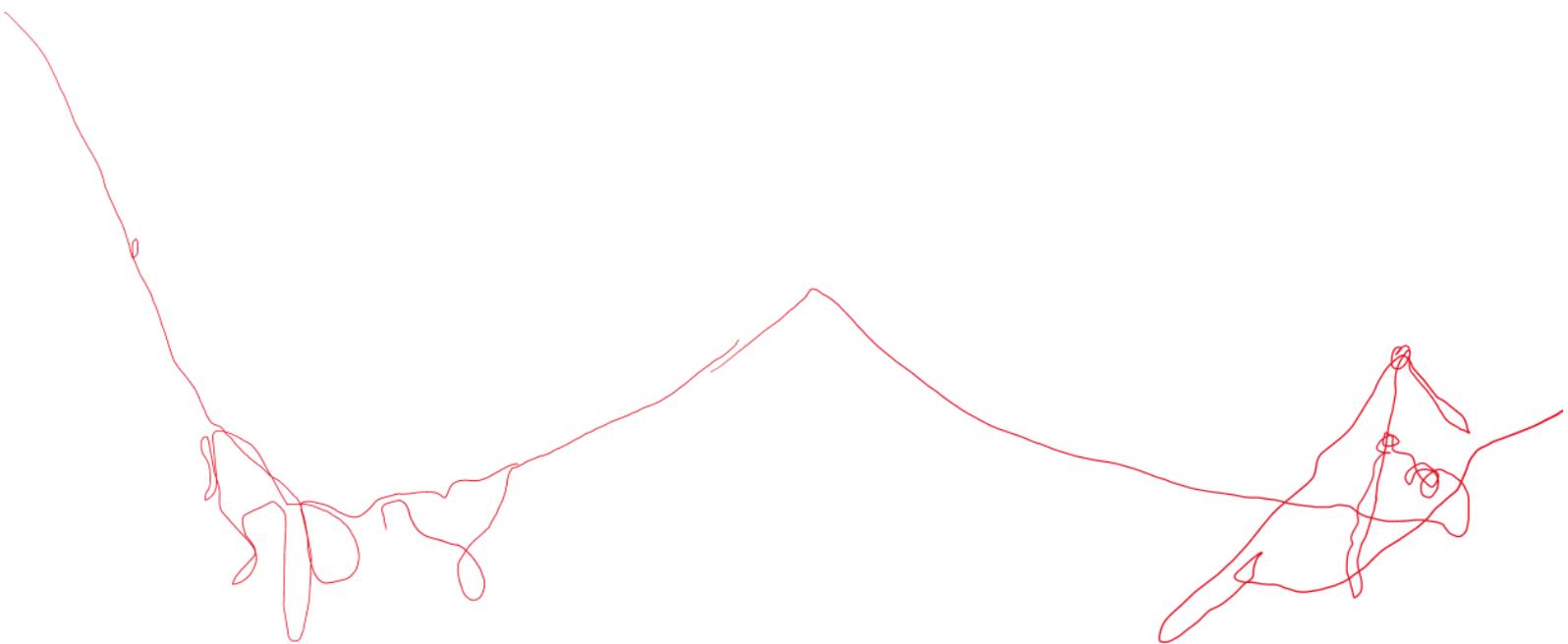
Começamos a trabalhar juntas no campo da pesquisa autobiográfica, pelas trilhas da arte e da formação de professores, aproximando a licenciatura de artes visuais e a licenciatura em Pedagogia. Aqui, um ponto de passagem: apreendi com ela a lição que podemos seguir de outra forma nas nossas pesquisas, na universidade, na vida. É no encontro, na interlocução com o outro, que os fios de sentidos, de campos distintos de conhecimento, são trançados em tecidos de saberes e fazeres e oferecem passagem para a produção acadêmica partilhada, socialmente referenciada. Nas parcerias pelo mundo afora, articulando formação de professores, arte, educação infantil e pesquisa (auto)biográfica, nas discussões no grupo de pesquisa FIAR, nos seminários ministrados na Pós-Graduação em Educação da UFF, na coautoria de artigos publicados e trabalhos apresentados em eventos.

Realizar o pós-doutorado sob a supervisão da colega Luciana Ostetto, permitiu-me novamente levar a minha mala, objeto simbólico e objeto de desejo, em atravessamentos de experiências que são acadêmicas, mas são, sobretudo, de vida cultivada em projetos de educação e de pesquisa partilhados. Viver o pós-doutorado no PPG Educação /UFF me deixou abrir a mala, revisitar seu conteúdo e cavar espaço para seguir, para desenhar pontos de confluência: entrar na roda, acolher gestos, dar as mãos, circular o conhecimento, possibilidade de pensar e fazer arte na contemporaneidade, quando as memórias, as imagens ancoram-se no movimento da vida, nas experiências de criação estética-artística.

O trabalho que desenvolvi e apresento neste relatório de pesquisa, é um ponto de confluência: é uma partilha do meu existir, onde a narrativa visual, as imagens, o gesto artístico abrem novos espaços para as práticas auto e heterobiográficas. Busquei a relação do eu com o mundo, ao abrir a mala e buscar por memórias fotográficas do meu acervo pessoal. Na centralidade do fazer artístico, com ênfase nas artes visuais e processos de criação, busquei por indícios na minha história de vida em conexão com a obra de Christine Delory-Momberger.

Se, a partir do arquivo fotográfico que pertencia ao meu pai, busquei, vasculhei, cavouquei, olhei e organizei, imagens, informações de pessoas e lugares, descendências e pertencimentos, foi no encontro com a obra fotográfica da artista Christine Delory-Momberger que costurei memórias, com um fio vermelho – de sangue, pulso da vida – para ecoar, ressoar

e tornar visível histórias e pensar o ateliê autobiográfico de arte como espelho do artista-professor, espaço de rememoração, narração, formação e identidade. O que (me) refleti ao olhar no espelho-percurso-processo de criação de Christine, reafirmou a caminhada acadêmica dentro do campo da (auto)biografia, das narrativas de si, em contextos de formação e produção estético-artístico.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Diários de viagem. Edição 4/2022, Editora Assírio & Alvim, 408p.

BERNARDES, Rosvita Kolb; SOUZA, Elizeu Clementino; MEIRELES, Mariana Marrins de. 2024. Redes de pesquisa e movimentos insurgentes - Vol. 04, Editora CRV, Ed. 1, 260p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Exile/Reminiszenzen**. Rückblick Auf Eine Photographische Recherche. Tradução do francês de Gabriela Wennemer
Innsbruck:University Press/Alemanha, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Lune Noire**. Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger, texto de Jean-Philippe Pierron. Arles: Editora Arnaud Bizalion .2023

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Leporello**. Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger. Paris: Intensidade de produção. 2022

DELORY-MOMBERGER, Christine. **À medida que nos aprofundamos na floresta**. Arles - Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger, texto de Christiane Vollaire. Arles: Editora Arnaud Bizalion, 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. Franco Ferraroti, um *flâneur* planetário. In: FERRAROTTI, F. **Catálogo da exposição O olhar – retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas**. Rio de Janeiro: UERJ, DECULT,2014.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. UNB. 1999.

LAGES, Aline; BERNARDES, Rosvita Kolb. (Re)existir na docência, com pesquisa e arte: **Acender, realçar, animar (re)existências: fazer arte, tecer a vida**. São Carlos: Pedro & João. Editores, 2024. 177p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. **Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Pro-Posições (Unicamp), v. 26, p. 161-178, 2015. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/pp/a/xrdLcNHtLfsmrRpHrYY4c8H/?lang=pt>>. Acesso em Jan.2024

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. **Infâncias em diários de formação estética**: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. Revista @mbienteeducação, v. 12, p. 164-180, 2019. Disponível em:
<<https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/710>>. Acesso em Jan.2024

ROSA, Hartmut. ACELERAÇÃO E RESSONÂNCIA: ENTREVISTA COM HARTMUT ROSA. (1998). Identität und Kulturelle Praxis: Politische Philosophie nach Charles Taylor. Frankfurt am Main and New York: Campus Verlag.

CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, FOTÓGRAFA: RESSONÂNCIAS DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA OBRA ARTÍSTICA

Rosvita Kolb Bernardes (UFMG)

Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)

Christine Delory-Momberger

[preliminar, para publicação]

Resumo:

O presente artigo é resultado da pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, que buscou desvelar processos de criação e experimentação artística como matéria de investigação e formação para a/em arte, como possibilidade de compreensão e de constituição do ser artista, docente e pesquisador/pesquisadora. Articula questões sobre ateliê autobiográfico, arte e formação de artistas-docentes, cuja fundamentação teórica está situada no campo da pesquisa (auto)biográfica, nas narrativas de si em contextos de formação e na produção estético-artística. A pesquisa aqui apresentada fez-se na articulação de fios tecidos em encontros com a pesquisadora Christine Delory-Momberger, que da França vem contribuindo imensamente para o campo da pesquisa narrativa e (auto)biográfica. Com uma extensa produção, tornou-se uma referência fundamental no âmbito dos estudos (auto)biográficos. Entretanto, seu pensamento visual, evidenciado em sua obra como artista fotógrafa, é praticamente desconhecido no Brasil. O retrato que compusemos, dá a ver a face da artista, revelada em seu perfil de fotógrafa, no lastro de sua obra fotográfica.

Palavras-chave: ateliê de arte autobiográfico; artista-pesquisadora; arte e narrativa autobiográfica; fotografia.

O ateliê ampliado

A importância de criar espaços que permitam àqueles e aquelas em formação, refletir sobre suas trajetórias de vida e, no processo, fazerem o exercício de elaboração de suas narrativas de vida, vem crescendo como via teórico-metodológica, na pesquisa e na formação de professores. As abordagens (auto)biográficas (autores) convidam-nos, na docência, a alargar o tempo e configurar o lugar da sala de aula como espaço de ateliê, onde o tempo impulsiona e acolhe o mergulho na memória, para que histórias do vivido possam emergir, visibilizando itinerários de formação, em narrativas tecidas com linguagens múltiplas, além da palavra.

Nos processos formativos de licenciandos em arte, o ateliê é um território comum, conhecido e habitado na jornada universitária. Todavia, estamos falando de um outro tipo de

ateliê, que potencializa outras narrativas além das materialidades, técnicas e linguagens circunscritas ao artístico, mas também como lugar do autobiográfico, onde pesquisa, formação e histórias de vida se entrelaçam e se aprofundam. Desse ponto, pesquisando e desenvolvendo propostas de formação docente amparadas por referenciais teórico-metodológicos que (re)colocam o sujeito e suas narrativas de vida no centro do processo, a proposta de um ateliê de arte autobiográfico tem-se mostrado fecunda. Seja em aulas, seja em projetos de pesquisa ou extensão, a inclusão de exercícios de reflexividade biográfica, como exercícios de memória voltados a narrativas de percursos estéticos e artísticos, envolvendo diferentes linguagens e possibilidades de dizer, vem sendo tecida como dispositivo formativo. Nesta caminhada, o diálogo se dá, especialmente, com Christine Delory-Momberger (2006, entre outros), quando diz que é por meio da reflexividade biográfica que os processos de “biografização” são ativados, inaugurando uma dinâmica por meio da qual o projeto de si se esboça em direção ao futuro. É o projeto de si que se configura como um potente arsenal no processo de investigação da vida vivida, rememorada e (re)criada nos ateliês biográficos.

A perspectiva de ateliê biográfico de projeto, formulada por Delory-Momberger (2006), é uma referência fundante do percurso da pesquisa, que foi ampliada, aproximando-a do campo da arte. Assim, no ateliê biográfico como dispositivo teórico-metodológico, passamos a incluir exercícios de criação, invenção, imaginação e experimentação de múltiplas linguagens e materialidades. O trabalho desenvolvido na Universidade de Rostock, Alemanha (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015), que se desdobrou em um projeto de pesquisa interinstitucional UFMG-UFF (Ostetto-Bernardes, 2019), dá mostras do percurso que trilhamos.

A pesquisa aqui apresentada fez-se na articulação de fios tecidos em encontros com a pesquisadora, professora, fotógrafa Christine Delory-Momberger, que da França vem contribuindo imensamente para o campo da pesquisa narrativa e (auto)biográfica. Com uma extensa produção, tornou-se uma referência fundamental no âmbito dos estudos (auto)biográficos. Entretanto, seu pensamento visual, evidenciado em sua obra como artista fotógrafa, é praticamente desconhecido no Brasil.

Até chegar à obra da artista: caminhos que desenham encontros

No movimento de lembrar, de puxar a linha do novelo multicolor da própria história de vida, percorremos trilhas, experimentando fins e começos, porque ao lembrar, também produzimos esquecimentos e para dar forma à memória-escrita, é preciso percorrer o caminho de lembrar-esquecer para acender a chama da memória.

Para projetar um caminho de investigação, foi preciso esse movimento, de ir atrás de histórias para costurar sentidos em torno do encontro com Christine Delory-Momberger e sua produção, também como artista. Em 2008, no III Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (CIPA), realizado em Natal/RN, que teve como tema de discussão “(Auto)biografia: formação, territórios e saberes”, contamos com sua presença. Sua fala, e seu jeito de olhar, contando sua história, sua experiência como pesquisadora, que caminha entre dois países: França e Alemanha. Ao abordar modelos biográficos, escrita de si, ela falava dos deslocamentos que viveu, uma história de imigração entre Itália, França e Alemanha.

Foi em 2014, no VI CIPA, realizado no Rio de Janeiro, que teve como tema de discussão “Entre o público e o privado: Modos de ver, narrar e guardar”, que conhecemos a face fotógrafa de Christine Delory-Momberger. Dentre as atividades do evento, que contava com apresentações de trabalhos, simpósios e conferências, aconteceu a exposição “O olhar. Retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas”, uma homenagem do VI CIPA a Franco Ferrarotti, com a curadoria de Christine Delory-Momberger, que escreveu, para o catálogo publicado, o texto “Franco Ferrarotti, *flâneur* planetário”. Composta por vinte e seis fotografias que o sociólogo fez, percorrendo bairros pobres, nos limites de Roma, durante suas pesquisas, a exposição revela outra face do pesquisador acadêmico que, por meio da fotografia, à qual imprime um olhar singular, contextualizado, próximo e empático, que não apenas observa, mas olha e sente. Assim escreveu a curadora da exposição:

Ele olha, ele vê, ele sente. [...] Ele entra na tessitura das relações e das ligações sociais que constitui o lugar, onde nas pessoas pensam e agem. [...] Em nenhum momento ele fotografa a pobreza, ele faz imagens de pessoas que estão ocupadas com suas vidas, crianças que brinca, cachorros que vêm e vão, barracos que são um lar. [...] Pode-se dizer que cada imagem tem o “momento totalizante” de uma história social. Um gesto, um olhar, um corpo. A humanidade em ato. (Delory-Momberger, 2014, p.8).

Enquanto ela nos fala sobre o trabalho fotográfico de Ferrarotti, como um deslocamento das práticas de investigação sociológicas, até então muito presas à enquetes e ferramentas validadas pelo campo acadêmico, que fala sobre e não está com os sujeitos

pesquisados, Delory-Momberger também fala de sua compreensão sobre a imagem, na pesquisa e, fazendo referência à Judith Butler, diz que “a fotografia deve ter uma função transitiva que nos torna capazes da sensibilidade ética” (Butler apud Delory-Momberger, 2014, p. 9). Se a fotografia fixa um momento e diz de um olhar que a capturou, ao ser exposta, a imagem abre-se a múltiplos olhares, que vão compor múltiplos sentidos, a partir do lugar que está situado. A fotografia também pode deslocar aquele que a contempla, pode suscitar reminiscências, revelar vidas vividas, que podem ser rememoradas e ressignificadas.

Visitando a exposição e percorrendo o catálogo, enquanto crescia o interesse de conhecer mais da pesquisadora e acadêmica, na interface que também mantinha com o campo da arte, também crescia o desejo de aprofundar o diálogo entre saberes e fazeres na interface pesquisa (auto)biográfica e arte.

Em 2018, no VIII CIPA, realizado na cidade de São Paulo, com a temática “Pesquisas (auto)biográfica, modalidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações indenitárias”, pudemos apreciar sua primeira exposição no Brasil, com a segunda série da trilogia Exílios/ Reminiscências. Compreendida como uma arqueologia de si pela imagem, a série fotográfica reúne a sua história pessoal e familiar, intergeracional, entrelaçada com os acontecimentos da história social e cultural mais ampla. Na exposição, com curadoria de Rosvita Kolb (UFMG), visualizamos uma história de exílio, que atravessa três gerações, história de passagens de fronteiras e de reminiscências de um passado familiar, que a artista não viveu, mas que estão presentes como traços de sua identidade – nas marcas afetivas, nas emoções, na coragem emudecida que carrega consigo. Há uma história invisível e, na busca pela compreensão da sua história de vida, as imagens fotográficas exerceram um papel fundamental de dar-lhe visibilidade, abrindo frestas de interpretação e conhecimento.

Neste VIII CIPA, em 2018, a pesquisadora-fotógrafa ofereceu um ateliê de criação compartilhada. A dinâmica do ateliê era um convite à criação, que partia do seu acervo fotográfico com fotos impressas da sua obra para a criação de uma narrativa pessoal dos participantes, associando-as a momentos da vida de cada um. O ateliê de criação compartilhada aconteceu como uma ação artística com um grupo de 15 pessoas inscritas no congresso. Mediadas pelas imagens fotográficas, em um clima de reflexão e silêncio, foram produzidas narrativas que contavam histórias sobre relações afetivas, sobre o espaço da escola, sobre histórias guardadas e, quiçá esquecidas, rememoradas a partir do acervo fotográfico da artista. O ateliê durou três horas e, ao final, entre escrita, e leitura em voz alta

dos textos produzidos a partir das fotografias da artista, o grupo seguiu para uma visita guiada pela própria artista, à exposição Exílios/ Reminiscência. Esse ateliê de criação permitiu aos participantes evocarem lembranças, sentimentos, impressões e sensações num presente carregado de um passado cheio de acontecimentos, relações, pessoas, encontros, desencontros, iluminados pelo ato de lembrar e narrar, como movimento de criação. (Re)criação de vestígios para re-afirmar uma história de vida vivida. Escrituras de nós.

Para chegar ao coração do processo de criação: uma pesquisa-viagem

Buscando uma trilha que pudesse nos conduzir, teórico-metodologicamente, ao centro em torno do qual gravitam histórias sobre a artista, a obra e seu processo de criação, encontramos em Walter Benjamin (2022) a inspiração para assumir a pesquisa como uma viagem. Uma viagem errante, onde o desvio, como método, é guiado pela pesquisa (auto)biográfica, que nos permite traçar roteiros para diferentes encontros-conversas, onde alguém diz a alguém, onde a escuta atenta e sensível permite capturar a paisagem – sonora, tátil, visual, olfativa, gustativa. Os (guar)dados foram aproximados, revelados, capturados por meio de conversas em deslocamentos Brasil-França: no seu apartamento em Paris, cheio de objetos-memórias das suas viagens pelo mundo, em uma varanda apazível de Belo Horizonte, entre causos e iguarias mineiras, rindo e confirmando que a vida é mais do que o Lattes pode enquadrar; em longas caminhadas, em busca de vestígios nas areias, em Massarandupió, na Bahia.

Livros de fotografia de sua autoria, também ancoraram o olhar da pesquisa e lhe deram direção. Dois livros em francês, oferecidos pela autora: “Lua Negra” (Delory-Momberger, 2023), um livro que conta com imagens e um texto poético sobre a guardiã do leito de morte da sua mãe; e “Álbum imaginário ou a família encontrada” (Delory-Momberger, 2022), em formato leporello, ou sanfonado, composto por fotografias que questionam: o que resta de uma família quando ela desaparece? Este álbum vem ao encontro da busca intensa da artista, da história da sua família que ela não conhecia. Um terceiro livro “Exile/Reminiszenzen” (2021), obra originalmente escrita em francês e traduzida para o alemão, possibilitou um diálogo mais próximo, um envolvimento maior, conduzida pelas chaves da língua que uma das pesquisadoras levava consigo e, assim, descortinou-se uma vereda de informações para a pesquisa.

Neste processo de constante busca pela sua história, ela traz para perto de si uma fotografia (que podemos ver na página p.19) encontrada guardada no meio de documentos recebidos pelo seu tio e que pertencia ao álbum da sua mãe. Por algum movimento, ou impulso interno, ela deseja retirar as pessoas da moldura fotográfica para colocá-las em movimento, para dar vida aos personagens. É neste movimento que a artista busca a sua máquina fotográfica para, a partir da lente de aumento, tentar chegar mais perto da imagem. Uma técnica bastante utilizada no seu caminho artístico.

Perguntas vão compondo a sua investigação/processo de criação: o que podemos achar nas imagens, se elas estão esmaecidas? Como podemos construir algo se as coisas visíveis são incertas? A solução não está clara, mas será que se precisa de uma solução para chegar até o final? O que acontece na investigação biográfica que trabalha com o suporte da fotografia e que abre caminho para a criação artística, na qual o fotógrafo é, ao mesmo tempo, protagonista, informante, informado e investigador?

A artista destaca que escolher a câmera, analógica ou digital, a marca, a sensibilidade do filme, o papel no qual serão reveladas as imagens, são alguns dos elementos que contribuem para a sua busca. Ao mesmo tempo, pondera, sua pesquisa alimenta-se de uma dinâmica que passa por diversos sentimentos, como a dúvida, hesitação, digressões, transformação, para juntar-se a algo que se revela em uma forma, mas que não tem fim. Entre questões e escolhas técnicas e sentimentos suscitados no fazer, ela segue: à medida que avança, abrem-se caminhos onde fantasmas e formas obscuras aparecem e se cruzam, como se as imagens chegassem de margens íntimas, percorrendo histórias familiares que acordam após um sono paralisante e amnésico para chegar às chamas ardentes que permitem ver o invisível. Nas imagens, fotos e texto, vida e morte se misturam. Se transformam em sentidos, dão sentido à história.

No seu processo criativo, a artista-pesquisadora também dialoga com ator Salah Al Hamdani[1], e fotógrafo Stéphane Duroy[2]. Esse diálogo contribui para dar forma a uma composição que articula imagens e texto, onde cada imagem e cada texto encontram-se no seu lugar. Assemelhando-se a uma performance estética ou ato artístico, com um distanciamento entre imagem e texto, o visível e o invisível se entrelaçam: entre formas visuais e verbais, uma narrativa com metáforas, catacreses e tropos é traçada.

Considerando que o ato artístico dialoga com imagens e textos, a artista-pesquisadora conta que seu processo de criação se situa na interface entre fotografia documental e experimental: como na investigação biográfica afeta a si mesmo e ao mundo. Relacionado a este aspecto, ao falar de documento e experiência, de visível e invisível, fala também dos fantasmas que ficam rondando por aí, cruzam seu caminho e obra. Quem são os fantasmas que rondam a produção plástico-visual desta artista?

O seu processo de criação, de organização, escolha do material se inicia no seu apartamento, para depois seguir para um laboratório de fotografia. Na mesa do seu apartamento-feito-ateliê, aconchegante espaço localizado em Paris, num território cercado por restaurantes e lojas ela cria, cava mais fundo as fotos em branco e preto, para penetrar na escuridão das suas dobras, em busca da sua história. Envolvida neste processo de busca, mas também de criação, por exemplo, ela volta-se novamente para a foto que tantas vezes já olhou e interpelou: a foto de Teresa, avó da sua mãe. Desta vez, destaca vários elementos, como lenço, vestido de lã, casacão e o broche, que vão compondo a trajetória familiar, que se vai revelando, ao tempo em que se põe a escavar a fotografia. A partir de alguns documentos da família, enviados por Joseph, pelo correio, irmão da sua mãe, ela descobre que os seus avós italianos também moraram na Alemanha. Mais uma questão até então velada para a artista. Por isso, também, ela segue na busca do (re)conhecimento da sua história, perdida no tempo no esquecimento, (re)compondo fragmentos de sentidos adivinhados/divisados no material que tem em mãos, nas imagens cheias de histórias, mas que estão congeladas no tempo. A artista deseja aquecê-las, no ateliê, por meio do ateliê, no fazer-pensar sua obra, no rememorar e narrar sua história.

Folheando, vendo e lendo o livro *Exile /Reminiszenzen* (Delory-Momberger, 2021), compreende-se que a fotografia e a escrita de Delory-Momberger podem ser vistas como uma experiência automedial, de um movimento sensível da artista sobre a relação do material e do fazer a obra, do seu gesto que apreende uma reflexão subjetiva onde se operacionaliza versões provisórias de si, do outro e do mundo. Essa singular perspectiva investigativa da artista, implica um trabalho sobre si e sobre suas percepções do mundo, por meio do qual sua narrativa engendra um alargamento do presente e um constituir-se em devir, no desenclausuramento do passado. (Bernardes, 2024).

Desta compreensão, no percurso desta pesquisa fez-se o exercício de conhecimento/desvelamento das obras da artista. Olhar as imagens fotográficas da artista, em

busca de vestígios para agregar à discussão do conceito de heterobiografia como um “processo de apropriação, de tornar próprias as experiências dos outros” (Delory-Momberger, 2014, p. 156), para um processo de criação. O campo da arte como possibilidade de investigação e pesquisa. Deixar-se levar pelas imagens fotográficas da artista, em busca daquilo que poderia ser significativo para traçar conexão e entrelaçamento com imagens que fazem parte de outras histórias.

Nesse processo, reunindo materiais visual, sonoro e performático, duas peças videográficas foram compostas, colocando as imagens lado a lado, algumas mais perto, outras mais longe ou sobrepostas, em conexão com o conteúdo, com o tema que atravessava a investigação, os vestígios, as marcas capturadas, seguindo uma certa sequência cronológica. De tal modo, as narrativas possibilitadas pelo encontro de histórias e imagens foram amplificadas: da obra (auto)biográfica da artista pesquisada, outra obra, também (auto)biográfica, da apropriação de reminiscências, às quais buscou-se dar visibilidade, para compreendê-la. Os dois vídeos, como possibilidade de criação artística, se diferenciam basicamente pela trilha sonora e pela apresentação das imagens, mais ou menos veladas, com ou sem intervenção performática. O primeiro vídeo traz a trilha sonora “Nonas” do compositor e músico mineiro Gilberto Mauro, obra composta pelo artista especialmente para fazer parte do vídeo. O segundo vídeo segue com a música “Ponto de Mutação” do grupo mineiro Uakti.

No espelho, ressonâncias e sentidos para pensar o ateliê auto/heterobiográfico

Ressonância. Uma maneira de encontrar o mundo, as pessoas (Harmut Rosa, 2022, p.6). A obra da artista toca, provoca. Com/por ela somos movidas a pensar a autoria na produção artística. Identifica-se ecos, ressonâncias, encontros – com a pessoa e a obra de Christine Delory-Momberger. No X CIPA, em maio de 2024 em Salvador/BA, a pesquisadora-artista compartilhou o tema “Do exílio à ressurreição: Uma história de si e do mundo”, acompanhada de algumas imagens de seu trabalho fotográfico, reunidas em um vídeo, tramado em torno de sua última série “Nas entranhas da terra” (que esteve em exposição no evento) e comoveu a toda a audiência. Suas palavras-imagens-narrativas, que davam visibilidade sem rodeios a sua obra poético-artística, foram canais para se articular reflexões sobre a invenção no ateliê autobiográfico e sobre como a arte, sob as mais diversas modalidades, nos permite agregar fragmentos de nossas experiências sensoriais, projetando-

se em (auto)conhecimento. O ateliê autobiográfico de projeto, proposto por Delory-Momberger (2006), articula-se à experiência com o ateliê de arte, e desenha possibilidades outras para o trabalho auto/heterobiográfico, na medida em que se abre como espaço-tempo para quem dele participar operar com diversas linguagens, para se entregar à rememoração, narra-se e constituir um si mesmo.

O efeito da escuta e acolhida da obra acadêmica e artística da pesquisadora franco-alemã, repercute no processo de criação e de formação de quem interage com ela, na medida em que, pelo processo de rememoração-narração-reflexão, conduz os interlocutores (mais que espectadores) à visitar paisagens que habitam, atribuindo-lhe sentido. Conhecer/ver a obra da artista-professora franco-alemã coloca-nos diante do espelho, no qual pode-se avistar um si mesmo e um outro: ao debruçar-se no trabalho da artista Christine Delory-Momberger, ao interagir com sua poética, ao reconhecer um fazer-saber artístico próprio, vemos reflexos no espelho: que imagens nos constituem, ou nos revelam?

A narrativa imagética que salta das séries fotográficas da artista, confirmam como a heterobiografia constitui um elemento de construção de sentido: eu me percebo como sujeito ao apreender as significações da minha experiência de vida a partir da sua obra fotográfica. Esse encontro com o trabalho da artista se desdobra em outras histórias, outras imagens e novas perguntas e argumentos, ainda que provisórios: as imagens criadas em um ateliê autobiográfico poderia ser o espelho do artista-professor-pesquisador, considerando que essas imagens manifestam, como retratos, o reflexo da sua identidade em processo de composição.

O espelho é uma metáfora vigorosa para discutir as complexas relações entre imagem e realidade, essência e aparência, verdade e ilusão, memória e esquecimento, narrativa e autobiografia. Espelho e ateliê auto/heterobiográfico: Que relações podem ser evidenciadas? Lembramos de Clarice:

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa (Clarice Lispector- Água Viva, 1998).

Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chama talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os

ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo (Clarice Lispector- A descoberta do mundo, 1999).

Dentro dos olhos de cada um, em suas pupilas, existe um espelho que nos olha. Como ver o que nos olha? Na imagem do espelho, tanto me vejo quanto me reconheço no outro. São essas marcas da alteridade que encontramos no jogo entre o eu e o outro, no auto/heterobiográfico da existência. O espelho é, então, o lugar do encontro e do reencontro: com a minha existência e com o outro, diferente de mim. No espelho, olho para dentro e para fora, nele me reconheço, vendo-me refletida em outras imagens, outras paragens, que são também outros lugares de memória e de recordação. A experiência do ateliê auto/heterobiográfico representa o espelho, cujas imagens podem nos conectar com a ancestralidade e com as histórias de vidas que se entrelaçam e modificam nossa forma de ver o mundo. Espelho, objeto: convida a um movimento de autoconhecimento. Espelho, símbolo: representa a consciência da manifestação do outro através do meu olhar.

Na exposição “Nas entranhas da terra”, composta por uma série fotográfica de Christine Delory-Momberger e com curadoria de Rosvita Kolb Bernardes e Alexandra Siqueira (X CIPA, Salvador/BA, maio/2024), a artista narra uma jornada de escuta da Terra e de suas encarnações até suas profundezas plenas de silêncio. A fotógrafa apreende as fragilidades de uma Terra ferida em metamorfose, aproxima-se de suas fissuras e rachaduras, mergulha nelas e se comove, fitando suas elevações face ao infinito do céu. Seu gesto fotográfico retém a obstinação das pedras, a paciência do vegetal e a experiência animal, fazendo-a sentir-se parte *dessa* Terra. O irradiação dos humanos a confunde e a convida a fortalecer a aliança de *existir* nas interdependências entre seres vivos e não vivos. Por meio de suas imagens, ela nos convida a *cuidar*, protegendo um modo de vida *responsável* que forjará o mundo de amanhã. A referida série fotográfica pode ser visualizada em: <https://www.christinedeloryphotography.com/-/galleries/aux-murmurations-du-monde>

Sua estadia no Brasil, em 2024, promoveu o encontro inusitado com uma fotografia sua, que estava enquadrada e pendurada na parede da casa de uma amiga brasileira. O fotógrafo Valentin Bardawil, que vem trabalhando com a pesquisadora, fala dessa fotografia e do efeito causado pelo reconhecimento de sua obra onde ela não esperava encontrar. A narrativa do fato ilumina não apenas a produção fílmica/videográfica da pesquisa que ora apresentamos, mas lança luzes sobre aspectos da história que se buscava contar: o processo de criação, entrelaçado na vida e na obra da artista-pesquisadora Christine Delory-Momberger.

Uma fotografia de Christine [...] é particularmente simbólica do trabalho da pesquisadora/fotógrafa na procura de um lugar ligado a uma construção identitária em torno do exílio.



Nesta fotografia em preto e branco, vemos duas mulheres virando a cabeça à esquerda da imagem, em pé, atrás de uma placa sobre a qual está escrito “Sem passagem”. Esta foto é fundamental na história de Christine pois ela marca sem contestação seu questionamento profundo sobre seu lugar entre a Alemanha e a França. Aos 18 anos ela se instala para além do Reno. E é esse sentimento de exílio pessoal e familiar que não a deixará jamais. Uma das primeiras palavras que Christine me disse no momento de nosso encontro é: “eu sou uma exilada na vida”. (Valentin Bardawil, 2024, mensagem trocada por e-mail).

Por meio do comentário do fotógrafo, ficamos sabendo que essa fotografia tem um duplo sentido no trabalho de Christine, que aponta para o poder do íntimo na fotografia documental, um fecundo caminho de reconstituição/investigação interna: a fotografia permite evocar outra relação com o exílio, o qual, como a fotografia, apresenta contornos borrados, mas que evidenciam “um território singular”. Um território-lugar que a arte, mais particularmente a fotografia, permite acessar e/ou compor, colocando em relação com o território físico, o país habitado/constituído. Delory-Momberger, ao escrever sobre o processo, fala que as imagens lhe permitiram o encontro com a palavra.

Escrever este texto me fez encontrar minhas palavras, elas estavam nas imagens, a investigação interior as elevou e fez vibrar a música do sensível, forjando em seu percurso uma linguagem de sintaxe íntima cujo ritmo, nuances e o timbre não é mais gerado por um único idioma. É a linguagem do território singular com os contornos borrados e comoventes que as minhas imagens me deram, aquela com a qual pude sondar um mundo de silêncio e de esquecimento e que pude nomear, o dos pequenos fantasmas,

que dos meus gestos e dos meus passos na estrada da viagem, aquela que me fez chegar. Esta linguagem tem a força do que a excede e a fragilidade das suas deficiências, carrega em si os tempos combinados de uma história que é uma entre outras, é a linguagem da sobrevivência. É a minha língua. (Christine Delory Momberger, 2023)

Segundo Valentin, com/pela fotografia, ela teria "atravessado a fronteira", como os seus antepassados antes dela, quebrando os ciclos do exílio, definindo através da fotografia, um território íntimo e criativo de ligação. E ainda revela preciosidades sobre processos partilhados com ela: “Depois de encontrar sua língua, ela descobriu há algumas semanas que seus ancestrais e seu nome Delory vieram de silvicultores que moravam perto do local onde fica a casa de sua família herdada de seus pais. O exílio não era então mais o seu único território de construção [...]” (Valentin Bardawil, 2024).

O texto-testemunho-poesia-vida de Valentin, também contribui para sabermos mais dados biográficos inscritos na história de Christine Delory-Momberger. É, também, um material a ser perscrutado, com atenção e sensibilidade, em toda sua trama de dados singulares, revelados por alguém que vem trabalhando lado a lado com a artista.

(Des) ver o mundo, não aceitar o achatamento e a obediência que repousa nas coisas

[considerações finais, a serem tecidas]

Delory-Momberger nasceu na França. De pais franceses, com 18 anos foi para Alemanha, onde constrói sua vida entre duas culturas: a francesa e a alemã, que formam o tecido da sua biografia pessoal e intelectual. As visitas às universidades alemãs como professora, marcaram a sua jornada intelectual e influenciam a sua concepção de trabalho e pesquisa universitária - com estudos na Universidade Goethe, em Frankfurt, teve contato profissional com o público alemão (e, em especial, com os alunos) como chefe do departamento de formação de um importante instituto de treinamento francês na Alemanha.

A presença do pensamento alemão é perceptível na sua pesquisa, nas suas orientações. No nível institucional, a sua afiliação franco-alemã é concretizada por sua participação em várias organizações e redes de pesquisa: pesquisa no OFAJ [Escritório Franco-Alemão para a Juventude] (diretoria de pesquisa que reúne professores-pesquisadores franceses e alemães e candidatos a doutorado), membro da *Deutsche Gesellschaft für Erziehungswissenschaft*

[Sociedade Alemã de Ciências da Educação], membro da *Gesellschaft für Historische Anthropologie* [Sociedade de Antropologia Histórica e Cultural] da *Freie Universität Berlin*.

A sua carreira como professora e pesquisadora segue por um longo tempo na Alemanha até quando ela foi impulsionada pelo desejo de criar, na França, uma corrente de pesquisa, da pesquisa biográfica, e de fazer parte de uma discussão internacional baseada em um campo disciplinar reconhecido e constituído, especialmente nos países anglo-saxões e germânicos, *Biographieforschung* (pesquisa biográfica).

No campo da pesquisa biográfica em educação ela tem se dedicado a criar redes em âmbito nacional e internacional entre parcerias na Europa, Ásia, África e América Latina contribuindo com pesquisas e investigações.

Referências [ajustar]

Delory-Momberger, C. **Exile/Reminiszenzen**. Rückblick Auf Eine Photographische Recherche. Tradução do francês de Gabriela Wennemer Innsbruck:University Press/Alemanha, 2001

Delory-Momberger, C. **Lune Noire**. Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger, texto de Jean-Philippe Pierron. Arles: Editora Arnaud Bizalio .2023

Delory-Momberger, C. Leporello. Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger. Paris: Intensidade de produção. 2022

Delory-Momberger, C. . À medida que nos aprofundamos na floresta. Arles Fotografias e textos de Christine Delory-Momberger, texto de Christiane Vollaire. Arles: Editora Arnaud Bizalio, 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. Franco Ferraroti, um *flâneur* planetário. In: FERRAROTTI, F. **Catálogo da exposição O olhar – retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas**. Rio de Janeiro: UERJ, DECULT,2014.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições** (Unicamp), v. 26, p. 161-178, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/xrdLcNHtLfsmrRpHrYY4c8H/?lang=pt>

OSTETTO, L. E.; BERNARDES, R. K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @ambienteeducação**, v. 12, p. 164-180, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/710>

<https://www.christine-delory.com/>

<https://www.christinedeloryphotography.com/>

https://www.instagram.com/christine_delory_momberger/

<https://www.lesujetdanslacite.com/>

[1] Salah Al-Hamdani é um poeta, ator e dramaturgo iraquiano. Preso como dissidente político na década de 1970, começou a escrever na prisão. Alguns de seus escritos foram publicados em jornais clandestinos. Continuou a escrever, em árabe e em francês, desde que se mudou para França, onde vive há três décadas.

[2] Stéphane Duroy é fotógrafo e nasceu em 1948 em Bizerte, Tunísia. Mora atualmente em Paris. Depois de quarenta anos de peregrinação obsessiva nas pegadas da velha Europa até aos Estados Unidos, Stéphane Duroy parece hoje empurrado por um vento de renovação, em direção a uma práxis fotográfica cada vez mais afastada de si mesma. L'Europe du silêncio, obra inovadora iniciada pelo fotógrafo na década de 1980, surge como uma tentativa de partir ao encontro da grande História. (Wikipedia, 2025).

PARECER FINALIZAÇÃO DE ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

A professora dr.^a **Rosvita Kolb Bernardes**, da Universidade Federal de Minas Gerais, realizou **Estágio Pós-Doutoral** no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF), sob supervisão da professora dr.^a Luciana Esmeralda Ostetto, no período de 01/08/2023 a 31/12/2024. Cumpre relatar que o projeto, inicialmente programado para finalização em 01/08/2024, teve o pedido de prorrogação aprovado pelo Colegiado do PPGE/UFF, para que a sistematização do material (re)colhido, sobretudo na forma de produção de dois vídeos, pudesse ser concluída.

As atividades da professora durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa apresentado – **Ateliê Autobiográfico de Arte: Espaço de Formação dos Artistas Docentes?** –, foram intensas, tanto na produção da pesquisa, como na participação acadêmica, em iniciativas vinculadas ao Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR) e à Pós-graduação/UFF, organizando e participando de seminários, reuniões de estudo, partilhando dados da pesquisa com o grupo, apresentando trabalhos em eventos.

O projeto proposto tinha por objetivo investigar, acompanhando e documentando, o processo autobiográfico de criação de quatro mulheres, artistas, docentes localizadas em diferentes territórios, nomeadamente Brasil, Alemanha, França e Colômbia. Um projeto ambicioso, sobretudo se considerarmos a falta de financiamento, mas também a dimensão espaço-temporal apontada na estruturação da proposta. Em encontros de supervisão, avaliamos que, para abarcar experiências de mulheres artistas-docentes, na demarcação territorial inicialmente traçada, seria necessário mais tempo. De frente para as condições reais, assumimos que o projeto elaborado extrapolava o tempo-limite de um estágio pós-doutoral, ainda que sua continuidade poderia ser viabilizada (e pretende ser, segundo informado pela professora) em outros tempos acadêmicos. Assim, o projeto de pós-doutorado foi redimensionado e seu foco redefinido: tomou-se em interlocução apenas uma dessas mulheres inicialmente mapeadas: a pesquisadora franco-alemã Christine Delory-Momberger, que da França vem contribuindo imensamente para o campo da pesquisa narrativa e (auto)biográfica. Com uma extensa produção, tornou-se uma referência fundamental no âmbito dos estudos (auto)biográficos. Entretanto, seu pensamento visual, evidenciado em sua obra como artista fotógrafa, é praticamente desconhecido no Brasil.

Entrevistas, encontros presenciais e virtuais, colóquios, acesso a livros de imagens e séries fotográficas disponibilizados pela artista-professora constituíram um robusto material de trabalho. A professora Rosvita, que é professora do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes/UFMG, transita muito bem por entrelugares – arte-e-educação, arte-e-formação docente, produção teórica-produção artística – e, com coerência e competência, traçou o percurso pelas vias teórico-metodológicas da pesquisa autobiográfica e artística. Assim, produziu, além do texto argumentativo-analítico, dois vídeos, a partir de fotografias do seu acervo pessoal e do acervo de Delory-Momberger.

A partir do relatório de conclusão do estágio pós-doutoral, que recebeu o título **Christine Delory-Momberger, fotógrafa: ressonâncias da pesquisa (auto)biográfica na obra artística** – oportunidade em que as questões do percurso são descritas e circunstanciadas, com links para a produção visual referida –, já está escrito um trabalho, em fase preliminar, conforme exigido pela Resolução do PPGEd/UFF, a ser revisado e posteriormente ajustado para publicação, em coautoria. De outro modo, a apresentação pública da pesquisa está marcada para o dia 10 de julho de 2025, por ocasião do “III Seminário Rodas do FIAR – A voz insiste. Você me ouvira?”, que está sendo organizado pelo grupo de pesquisa FIAR, ao qual a pesquisa está associada.

Pelo exposto, sou de parecer favorável à aprovação do relatório apresentado. Confirmando a finalização do estágio pós-doutoral da professora Rosvita Kolb Bernardes (UFMG), agradecendo a oportunidade de acompanhar uma pesquisa tão relevante e inovadora, na temática e nos procedimentos de produção dos dados, na interface educação e arte, que aponta contribuições significativas para o campo.

Niterói, 26 de março de 2025.

Documento assinado digitalmente
 LUCIANA ESMERALDA OSTETTO
Data: 26/03/2025 21:54:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Luciana Esmeralda Ostetto
SIAPE1160605